



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Artes – IdA

Departamento de Artes Cênicas

LUÍSA DE OLIVEIRA BRAGA

**REFLEXÕES PARA UMA EDUCAÇÃO LÚDICA: MANIFESTO CONTRA O TÉDIO
EM SALA DE AULA.**

Brasília, 2024

LUÍSA DE OLIVEIRA BRAGA

**REFLEXÕES PARA UMA EDUCAÇÃO LÚDICA: MANIFESTO CONTRA O TÉDIO
EM SALA DE AULA.**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas da Universidade de Brasília, sob orientação do Prof. Dr. Luís Carlos Ribeiro dos Santos.

Brasília, 2024

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Coordenação de Graduação do Curso de Artes Cênicas da UnB, apresentado em sessão de defesa pública realizada em 30/07/2024, obtendo o conceito _____, sob avaliação da banca examinadora a seguir:

Prof. Dr. Luís Carlos Ribeiro dos Santos - Orientador - CEN/IDA/UNB

Prof^a. Dra. Ângela Barcellos Café - Membro - CEN/IDA/UNB

Prof^a. Dra. Fabiana Marroni Della Giustina - Membro - CEN/IDA/UNB

Brasília – DF
Julho/2024

*A todas as crianças que um dia não se sentiram
pertencentes à escola.*

AGRADECIMENTOS

A minha querida mãe que me ajudou muito no processo dessa escrita, sendo para mim uma segunda orientadora.

A meu pai que sempre me apoiou nas minhas escolhas e me incentivou a correr atrás dos meus sonhos.

A minha irmã que sempre foi a minha maior companheira desde a infância.

A minha cadela Lourdinha, que me ajuda no processo de conexão com a Natureza e me atrapalhou muito durante a escrita desse trabalho com suas bagunças caninas.

A meu amável orientador e quase xará, Luís Carlos Ribeiro dos Santos, dito Luiz Carlos Laranjeiras, que me encheu de inspiração e “fogo no rabo macunaímico dionisíaco”.

A minhas queridas professoras Ângela Barcellos Café e Fabiana Marroni Della Giustina, mulheres inspiradoras e pulsantes de arte e de vida.

A Universidade de Brasília que me acolheu em seus braços e me ensinou muitas coisas sobre mim mesma.

A minhas amigas e amigos, que me proporcionam tantos bons momentos e aprendizados.

A minhas e meus ancestrais, que abriram caminhos para que eu pudesse trilhar.

A todas as crianças e a todos os adultos cheios de infância que me dão esperanças de um mundo melhor.

*Nós não paramos de brincar porque envelhecemos,
mas envelhecemos porque paramos de brincar.*

- Karl Groos

RESUMO

O presente estudo traz reflexões acerca da necessidade da implementação de um ensino lúdico no Brasil em contraponto a uma noção de educação alienante e ocasionadora do tédio em sala de aula. Em diálogo com filosofias afroperspectivistas trazidas por Renato Nogueira e Ailton Krenak, e conceitos teóricos de Cipriano Luckesi e Richard Louv, entre outros, esse trabalho defende os conceitos de infancialização, ludicidade como estado interno e natureza como aspectos centrais de uma educação lúdica.

Palavras-chaves: Arte-Educação; Educação; Infância; Ludicidade; Natureza.

ABSTRACT

This study reflects on the need to implement edutainment in Brazil as a counterpoint to the notion that education is alienating and causes boredom in the classroom. In dialogue with Afro-Perspectivist philosophies brought forward by Renato Nogueira and Ailton Krenak, and theoretical concepts from Cipriano Luckesi and Richard Louv, among others, this work defends the concepts of infancialization, playfulness as an internal state and nature as central aspects of a edutainment.

Keywords: Art Education; Education; Childhood; Playfulness; Nature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Brinquedo não estruturado feito com gravetos.....	40
Figura 2 - Biblioteca Maria Helena Mardegan Scabelo – A Oca dos Livros.	42
Figura 3 - Escola A Casa Redonda.....	43
Figura 4 - Criança com perna-de-pau.....	51
Figura 5 - Meninas criando número de circo.....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CAPÍTULO I	11
2.1 Encontros e desencontros da minha trajetória como estudante no ensino básico.....	11
3. CAPÍTULO II	17
3.1 Por que pensar a diversão nas relações de ensino e aprendizagem do contexto escolar?.....	17
4. CAPÍTULO III	23
4.1 Formas de abraçar um ensino lúdico na educação.....	23
4.2 A presença do lúdico na natureza: o que a Terra tem a nos ensinar.....	32
5. CAPÍTULO IV	47
5.1 Ludicidade na prática: minha experiência na Escola Parque 314 Sul.....	47
6. CONCLUSÃO	55
7. BIBLIOGRAFIA	57

INTRODUÇÃO

Caro leitor, o que me motivou a pesquisar o tema desse trabalho foi a minha turbulenta passagem pelo ensino básico, onde eu sentia não me encaixar socialmente e intelectualmente. Mas sempre me incomodei com a sensação de que a minha experiência poderia ter sido diferente, a educação poderia ter sido menos dolorida. Todo esse relato você pode ler no primeiro capítulo desse trabalho. Caso não se interesse por relatos pessoais, aconselho que comece pelo segundo capítulo. Porém, muito me alegraria que você começasse do início, para que possamos nos conhecer melhor.

Como você já deve ter percebido pelo título desse estudo, o meu objetivo é levantar reflexões acerca do ensino lúdico e como combater o tédio em sala de aula. Perpassarei por questões como: do que se trata o ensino lúdico? Por que as escolas carecem de diversão? Como usar a ludicidade como ferramenta pedagógica? E como podemos nos reconectar com a nossa infância?

Assim, para responder a tais perguntas, no primeiro capítulo tratarei dos meus encontros e desencontros na minha vida estudantil, para no segundo capítulo refletir sobre a diversão, ou melhor, o bem-estar, nas relações de ensino e aprendizagem. Abordo no terceiro capítulo formas de abraçar e propor na educação práticas lúdicas e suas relações com a natureza. Por último analiso minha experiência subjetiva na escola parque 314 sul, considerando a ludicidade no cotidiano escolar.

A partir das ideias de pensadores contemporâneos e das filosofias africanas (*ubuntu*) e indígenas de origem Guarani (*teko porã*), vou me debruçar sobre a ótica infancionalizada na qual se baseia esse trabalho.

Você provavelmente deve ter notado que eu, autora, não ligo muito para as regras estilísticas de impessoalidade na escrita de trabalhos acadêmicos. É que fui orientada pelo meu orientador (que frase redundante!) a enxergar meu trabalho de conclusão de curso como um rito de passagem pela universidade e, portanto, tratá-lo com carinho. E para mim, a voz na terceira pessoa não me parece nada carinhosa.

Aliás, sempre achei esquisitíssimo o culto à impessoalidade e à total neutralidade que as academias exigem. Como se o pesquisador estivesse psicografando o trabalho que ele mesmo desenvolveu.

Até pensei em maneiras melhores e mais elegantes de desenvolver essa introdução. Mas acontece que a minha criança interior insistiu muito para que eu a deixasse participar dessa escrita também.

Sem mais delongas, vamos ao que interessa. Boa leitura.

CAPÍTULO I

2.1. Encontros e desencontros da minha trajetória como estudante no ensino básico.

Quando criança, me entediava muito facilmente. As coisas que eu mais gostava na vida eram brincar e correr. Gostava, principalmente, daquelas brincadeiras que os adultos achavam perigosas, como se pendurar em lugares altos. Era uma criança muito energética e sem medo. Certamente, dei muito trabalho para os meus pais, pois apesar de não ser uma criança desobediente, era muito curiosa e sem noção do perigo. Assim, precisava de constante vigilância. Quando bem pequena passei a frequentar a escolinha e me lembro de até gostar. Desenhava e pintava, me divertia, brincava com outras crianças e ia ao parquinho.

Sou nascida no Rio de Janeiro e vim morar em Brasília aos seis anos de idade, na fase da alfabetização. Sempre fui uma criança feliz, mas a mudança transformou minha pacata vida infantil. Comecei a me estranhar com algumas outras crianças. Era considerada uma menina esquisita, tinha o sotaque “feio” e as outras garotas constantemente me mandavam falar direito. Era uma criança agitada que gostava de brincadeiras mais radicais como me pendurar em lugares altos e descer correndo as ladeiras. Lembro-me de uma vez que achei interessante explorar um canteiro de obras na casa de um casal de amigos dos meus pais. Foi divertido enquanto durou, até alguém me tirar de lá alegando que andar sobre os ferros não era seguro (os adultos são tão medrosos!).

Nunca tive afinidade com meninos quando criança. Achava todos uns chatos e sem higiene. Foi nessa idade também que fui chamada de sapatão pela primeira vez por duas amigas da época. Eu não entendia o significado daquela palavra, mas certamente não era nada boa pelo modo como elas correram de mim.

Assim que entrei no processo de alfabetização, topei com a primeira grande dificuldade da minha vida escolar: não conseguia entender de jeito nenhum como as letras formavam palavras e como decifrar aquelas palavras em sons. Percebia que durante as atividades, a maioria dos meus colegas já conseguia ler e escrever com facilidade. Eu, até então, só escrevia meu próprio nome e quando a professora pedia para escrever os nomes de cores e animais, eu apenas chutava as letras de acordo com que achava que deveria ser a palavra. Usava muito as letras X, Y, Z e W pois na

minha cabeça eram letras muito elegantes. É claro que errava bastante e tive que fazer reforço escolar pela primeira vez na minha vida. Quem sabe por eu gostar das letras diferentes do alfabeto isso não seria um indicativo do meu gosto e da minha necessidade da presença do lúdico na minha vida escolar? Ou um professor ou uma professora que se atentasse sobre o caráter lúdico do meu gosto por essas letras distintas?

Lembro de chorar copiosamente no pátio da escola após uma aula com a certeza de que nunca, nunca, nunquinha na minha vida, eu iria ser capaz de ler e escrever. Tinha plena convicção de que seria a única adulta do mundo sem essa habilidade. Que vergonha seria uma adulta que nunca aprendeu a ler! Eu aprendi. Não me lembro exatamente quando aquelas letras começaram a se desembaralhar e tomar um significado para mim, mas lembro da primeira palavra que aprendi a escrever: *foto*. No mesmo dia mostrei a todos da minha casa, orgulhosa da minha palavra. Escrevi várias vezes a palavra *foto* no meu caderno.

Aprendi a ler, mas ainda tomava bronca das professoras, já que a minha letra era um garrancho e elas tinham dificuldade para entender. Lembro de um dia quando a professora me elogiou e disse “Viu? Você consegue fazer letra bonita, é só se esforçar”. Mas eu não fazia ideia do que havia feito de diferente, porque, para mim eu tinha escrito normal como sempre fazia. No outro dia, ela se decepcionou novamente dizendo que minha letra tinha voltado a ficar feia.

No fundamental devo ter mudado de escola umas duas vezes. Em todas elas sempre tive poucos amigos e continuava sendo a “garota estranha”. Ouvia de colegas na pré-adolescência que eu era atrasada para minha idade, no sentido de ser infantil, e de fato me reconhecia assim. Não entendia como garotas de dez ou onze anos se viam como crescidas enquanto eu ainda me via como criança. Gostava muito das aulas de artes, português e ciências. Em compensação, desde nova tinha muita dificuldade com matemática e raciocínio lógico.

Apesar de gostar da matéria de português, lembro que em um ano comecei a ir mal nas provas e quase fiquei de recuperação. Quando a professora entregou o último boletim anunciando que eu havia me recuperado em português, uma colega de classe falou em alto e bom tom “Nossa! como ela passou escrevendo Z ao contrário?”. Sim, na maioria das vezes eu escrevia mesmo a letra Z ao contrário e de vez em quando a letra E maiúscula também (mas disso ela não sabia).

No primeiro ano do ensino médio, fiquei em uma sala diferente das poucas pessoas que gostava e conhecia. Eu estava numa escola particular bastante renomada. O ensino era rígido, o conteúdo era denso e havia duas disciplinas de física diferentes. Eu odiava estudar tantas matérias. Mal entendia um conteúdo, e outro novo já surgia sem que ao menos eu tivesse tempo de assimilar o anterior. Passava de 5 a 6 horas na sala de aula, sentada. Eu conseguia prestar atenção nas duas primeiras aulas da manhã. No restante, até tentava ouvir o que os professores falavam, mas não retinha as informações e cansava de escrever. Minhas anotações diminuía com o passar das horas. Apesar disso, não era uma das piores alunas, muito menos uma das melhores. Era mediana e durante toda minha vida escolar fui mediana. Os estudantes com as melhores notas ganhavam prêmios e medalhinhas e os mais bagunceiros e com rendimento menor, geralmente eram os mais populares e temidos pela coordenação. Eu estava em algo entre os dois: não me destacava nem pelo bem nem pelo mal.

Uma vez passei muito perto de ganhar um daqueles prêmios de plástico oferecidos aos melhores da turma. Eu fui muito bem em um simulado de humanas. Fiquei em primeiro lugar, mas como minha nota no simulado de exatas foi péssima, minha classificação ficou novamente em um lugar mediano e não ganhei o maldito “premiozinho” de plástico. Uma curiosidade é que essa escola do primeiro ano não fazia chamada pelos nomes dos estudantes e sim pelos números: eu era o número 24. Um número muito adequado e irônico na minha visão. Pensei em colocar uma nota de rodapé, mas achei que seria muito careta ter que explicar uma piada em um trabalho acadêmico.

Ainda nessa escola eu tinha um grupo de “amigas” novatas vindas de outros colégios. Eram até divertidas na maior parte do tempo, mas não me identificava nada com elas, pois éramos muito diferentes. Todos os seis horários escolares, elas passavam falando de homens, seus namorados e ficantes. Entre seus maiores sonhos adolescentes estava a ânsia pela perda da virgindade e isso era um tópico recorrente. Na época eu já sabia que gostava de garotas e esse assunto para mim era muito chato. Na maior parte do tempo eu só ouvia. De vez em quando, tentava falar de alguma garota que eu estava a fim, mas parece que nós falávamos línguas diferentes. A última vez que tentei conversar sobre mulheres com elas foi quando uma delas me repreendeu comentando que “você só fala sobre mulher e isso é muito chato”. Mas eu

continuei ouvindo suas conversas sobre homens até o final do primeiro ano. Depois disso nunca mais encontrei com nenhuma delas.

No segundo ano eu mudei novamente de escola. Agora estava num colégio um pouco mais acolhedor, onde tinha eventos de arte e cultura e os professores eram menos carrancudos. Mesmo que essa mudança tenha deixado minha vida escolar mais leve e divertida, ainda assim, era um colégio, e como a maioria deles (me refiro aos particulares), o que realmente importa são números de aprovados no vestibular para estampar a propaganda da escola. Sendo assim, essa escola também contava com um *ranking* de melhores alunos e “premiozinhos”, não de plástico comum, mas agora de acrílico.

Independentemente de odiar estudar, eu aprendia e decorava rapidamente as coisas. Então, passei o resto do meu ensino médio estudando uma semana antes das provas e obtendo a nota necessária para passar sem me preocupar muito. Mas é claro que essa estratégia nem sempre dava certo, principalmente nas matérias que envolviam números e, conseqüentemente, eu tirei o primeiro zero da minha vida, em uma prova de física. Veja bem, não era exatamente zero para ser justa, era um zero virgula seis, mas ainda assim um zero.

Nessa época eu estava completamente deprimida, me sentia frustrada por não corresponder à minha idealização adolescente: não era a mais bonita, nem a mais inteligente, tampouco a mais social. Todas as minhas certezas de infância viraram angústias adolescentes e eu não encontrava nenhum propósito em existir, apesar de ser tão nova. O mais difícil dessa faixa etária é ter responsabilidades e expectativas de adultos, porém, sem a maturidade emocional de um.

Já fazia um tempo que me sentia assim e quando tirei meu primeiro zero aos dezessete anos, me considerei um fracasso total. Juntando isso a todas aquelas clássicas questões e inseguranças adolescentes, senti um vazio interior e existencial que eu até então nunca havia experienciado na vida: *aos dezessete anos tentei suicídio*.

Quando me formei no ensino médio e ingressei na Universidade de Brasília descobri um novo significado para a educação. O curso de Artes Cênicas foi para mim um grande divisor de águas, começando pelo fato de que a maioria das salas não possuía cadeiras ou quadros e eram, na maior parte das vezes, um espaço amplo com chão de madeira. Havia pessoas de todas as regiões do DF, de todas as orientações sexuais, com sotaques e histórias de vida diferentes.

Todas as instituições escolares e acadêmicas por onde passei tinham seus defeitos e, é claro, a UnB também. Apesar disso, a universidade foi, para mim, a grande responsável por me devolver o prazer em estudar e aprender. E principalmente por fazer aflorar meu desejo de ensinar.

A primeira vez que me emocionei estudando foi na licenciatura, lendo um texto sobre a EJAIT na biblioteca da UnB. Para maioria das pessoas, a Educação de Jovens, Adultos, Idosos e Trabalhadores não deve ser um tema muito impressionante, mas eu estava verdadeiramente tocada com aquele texto e saí de lá com a certeza de que meu problema nunca foi “não gostar de estudar”, havia faltado os estímulos certos.

Sempre gostei do teatro desde pequena. Quando criança, meus pais levavam a mim e à minha irmã para assistir a peças. Com nove anos, entrei numa escola de teatro e aquele era o melhor momento da minha semana. Naqueles tempos o teatro para mim era uma grande brincadeira com jogos divertidos, cenas engraçadas e interpretação de personagens inusitados. O teatro me ensinou muitas coisas: consciência corporal e espacial, projeção de voz, convívio em coletivo e tantas outras coisas que todos os atores e atrizes aprendem (ou pelo menos deveriam). O teatro era o alívio que eu tinha da escola. Era o único lugar onde eu realmente sentia que era boa em alguma coisa.

Mas foi no curso de Artes Cênicas da UnB que me deparei com um tipo de educação a que não estava habituada. Não fiz provas por muito tempo dentro da universidade – característica do meu curso, não da UnB – pois os professores/as não cobravam. Em vez disso, a maioria das avaliações eram práticas em sala de aula ou autônomas, em grupo ou até mesmo escritas, mas em caráter dissertativo. Continuei lendo muitos textos, muito mais que no ensino médio, mas, em vez de provas e avaliações escritas, tínhamos debates e seminários.

Lembro um dos momentos marcantes do meu curso quando fui para uma aula teórica, em uma das salas que tinham cadeiras. A professora da matéria e sua convidada lecionaram com os pés descalços, pisando livremente no chão de madeira. Apesar da atitude descontraída, a prática delas e sua base teórica eram muito fortes, elas sabiam que pisar com os pés descalços no chão era algo muito sério. E assim fui desenvolvendo independência e autonomia nos estudos. Eu estava pela primeira vez gostando de estudar e começava a fazer sentido para mim aquele esforço de acordar todo dia para estudar algo de que eu gosto, algo que me comove e que faz sentido.

Quando mudei minha habilitação para licenciatura, estava na ingenuidade de achar que fazia isso pelo meu futuro, para garantir um emprego mais fácil. Descobri na licenciatura outra coisa de que gostava muito: educação. Nunca me imaginei seriamente como educadora, mas conheci um lado político e social que até então desconhecia. Todo aquele processo que passei na infância e adolescência poderia ter sido, sim, diferente. Poderia ter me sentido como me senti na universidade desde o primeiro momento, em todas as etapas.

A minha vontade de proporcionar uma educação lúdica e divertida vem do desejo que tenho de acolher a criança que fui. A criança que sempre se sentiu mal por não acompanhar o ritmo escolar, por ser submetida a uma memorização de conteúdos sem contextualização, por acreditar que estudar não era para mim, que sempre seria mediana na vida e a criança que, mesmo em torno de tantos colegas, cresceu se sentindo sozinha na escola.

Espero que meus futuros estudantes não se sintam da maneira que me senti, e que a escola para eles possa ser um lugar de menos cobrança e mais aprendizado. Não posso mudar sozinha o rumo de toda a educação básica brasileira. Mas se a minha aula for só um pouquinho mais leve e lúdica para meus alunos, terei cumprido o meu objetivo.

Hoje vejo a educação com os olhos bonitos que ela tem. Uma educação lúdica, sem ser séria, mas com seriedade. Sem cobrança por resultados superficiais e “decorebas” sem objetivos. Em vez disso, prezo por um ensino em que os estudantes possam verdadeiramente se apropriar do conteúdo, internalizá-los e principalmente que possam enxergar que a aprendizagem para além da escola está na vida. Que eles se sintam pertencentes à comunidade escolar e enxerguem a importância da sua história de vida e da autonomia em seus estudos.

Pode ser que meu sonho esteja longe de se realizar. Talvez ele seja utópico demais. Mas continuarei sonhando enquanto eu puder contribuir nem que seja um pouquinho para que ele se torne realidade.

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.”

– John Dewey (1859-1952)

CAPÍTULO II

3.1. Por que pensar a diversão nas relações de ensino e aprendizagem no contexto escolar?

Pode parecer contraditório pensar em diversão quando falamos de escola, pois escola é um lugar para se aprender e a diversão é para os momentos de lazer, certo? Acredito que todos nós, independentemente da geração ou idade, já ouvimos que o estudo é coisa séria, é aquilo que nos levará a conquistar uma carreira e um futuro digno. Já a diversão nos distrai, nos afasta daquilo que é sério, é considerada como vadiagem, coisa de gente sem futuro e deve ser praticada moderadamente. Como se a diversão tivesse uma espécie de teor alcoólico.

O autor Johan Huizinga, pesquisador do jogo e do elemento lúdico e sua significação cultural, possui uma visão instigante sobre jogo *versus* seriedade:

O jogo é uma entidade autônoma. O conceito de jogo, enquanto tal, é de ordem mais elevada do que o de seriedade. Porque a seriedade procura excluir o jogo, ao passo que o jogo pode muito bem incluir a seriedade. (HUIZINGA, 2019, p.77)

Nesse sentido, o divertimento, assim como o jogo, pode abarcar a seriedade. Desmitificando a ideia de oposição entre o sério e o prazeroso.

Durante meus primeiros anos escolares escutei muito dos adultos: “primeiro vem o dever e depois o lazer”. Entendi assim que o lazer é uma espécie de recompensa, algo que é conquistado quando cumprimos todas as nossas tarefas “realmente importantes”. Entendi também que se brincar era divertido e brincar e estudar eram coisas diametralmente opostas, logo estudar era chato, uma tarefa morosa, algo como engolir um remédio ou tomar uma vacina: não é bom, mas é necessário.

A consequência disso é que cresci encarando os estudos como um remédio amargo e nunca gostei realmente de estudar, mas entendia que era uma obrigação, um dever inevitável. Assim sendo, cumpria com apenas o necessário para obter a aprovação escolar, principalmente nas matérias que eu menos gostava.

Pensar os estudos e o divertimento na escola como sendo análogos e não antagônicos poderia ter poupado inúmeros jovens, incluindo eu, de sofrimento na idade escolar.

Ok, mas vamos com calma, por que pensar em diversão no ambiente escolar? Vamos primeiro entender a diversão, no contexto deste estudo, como tudo aquilo que contém ludicidade e nos tira das situações cotidianas. Ludicidade, em seu senso comum, dicionarizado, é a qualidade intrínseca dos jogos e brincadeiras. Consideremos o conceito de jogo de Huizinga para entender melhor o funcionamento do lúdico:

(...) o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da "vida cotidiana". (2019, p.55)

Ou seja, o jogo não é somente prazeroso, mas também é uma situação extra cotidiana com regras e objetivos próprios. Portanto, as brincadeiras e os jogos são atividades que demandam um alto nível de organização e complexidade. Sendo assim, não é de se estranhar que sejam ótimos aliados no processo de ensinoaprendizagem.

Podemos compreender a ludicidade como via por onde se desenvolvem a ação criadora, as possibilidades expressivas e, por vezes, as expressões artísticas. As brincadeiras, repletas de suas qualidades lúdicas, abrem espaço para o desenvolvimento da imaginação, da fantasia e da criatividade.

É brincando que na infância a criança assimila o mundo ao seu redor. Ela brinca daquilo que conhece. Brinca de casinha onde pode ser a filha, ou a mãe ou o pai. Brinca de escolinha onde pode assumir o papel da professora, experimentando por outro ângulo a sua própria realidade. A brincadeira também abre espaço para a criação de cenários e personagens desconhecidos como bruxas, fadas, pântanos assombrados ou vales encantados. Nesse sentido, a pesquisadora das teorias vygotskyanas Daniele Silva afirma:

Na brincadeira, a criança pequena tenta agir como adulto, incorporando aspectos da cultura. Tal ação, guiada pela imaginação resulta da necessidade e do desejo da criança de incorporar elementos dispostos no real. Construindo cenários lúdicos e assumindo papéis sociais (personagens), as crianças se apropriam das regras social e historicamente construídas. (SILVA, 2012, p.24)

Portanto, a brincadeira é o primeiro aprendizado da criança, em que ela compreende os papéis sociais que a norteiam, como eles funcionam e os elementos de sua cultura. A criatividade estimulada pelo lúdico abre espaço para o desenvolvimento da ação criadora. Toda criação humana antes de ser concebida para o mundo físico-material foi um dia elaborada pela imaginação. Em concordância com essa ideia, para Daniele Silva, “A imaginação (...) é a base para o pensamento, a criação e o conhecimento do mundo” (2012, p.14).

Como seria um mundo onde somente nos contentássemos a aceitar e repetir o conhecimento previamente transmitido pelos mais velhos? O avião teria sido inventado? A energia elétrica e a *internet*? Teríamos descoberto que a Terra gira em torno do Sol e não o contrário? A curiosidade e a criatividade, atreladas ao conhecimento científico, possibilitam o avanço tecnológico. Também proporcionam experienciar novas formas sensíveis e expressivas do fazer artístico.

Uma sala de aula divertida, e, portanto, lúdica, não somente facilita a compreensão de conteúdos como também atribui sentido ao que é ensinado. O estudante se apropria do conhecimento para, além de escutar o professor de uma maneira metódica e passiva, construir ativamente sua própria aprendizagem. A própria definição de aprendizagem que vamos utilizar tem esse sentido:

Aprendizagem: Trata-se da real apropriação de conteúdos depois de assimilados, digeridos e transformados. A aprendizagem acontece quando o conhecido enriquece a vida, a instrumentaliza e a dirige para novos conteúdos de conhecimento. Assim, aprende-se na medida que retém conteúdos que poderão ser utilizados em favor do crescimento individual; aprende-se quando se chega a conhecer o objeto da aprendizagem (BRITO e VASCONCELOS ,2006, p.46).

A ludicidade pode e deve estar presente em todas as disciplinas acadêmicas. Quando pensamos no ensino das artes, esse é o elemento que mais atribui sentido à verdadeira aprendizagem artística. Uma aula de teatro expositiva, sem nenhuma gotinha do lúdico é realmente a melhor maneira de ensinar? Parece injusto pensar em lecionar artes e não levar em consideração seus aspectos mais autênticos: o lúdico, a criação e a criatividade. Nesse sentido, reitero o pensamento da professora e atriz Izabelle Cavalcante:

O teatro se torna o caminho mais rico e livre para estimular e intensificar a criatividade tão aguçada e aflorada da criança nos anos iniciais. Assim, tem jeito melhor de se ensinar teatro do que ensiná-lo brincando? (CAVALCANTE, 2017, p.11).

Defendo também que a brincadeira e a ludicidade não devem ser praticadas apenas com os pequenos dos anos iniciais. Apesar de ser crucial para a infância, os jovens e adultos são os que mais carecem do lúdico. Adolescentes são os que passam maior quantidade de horas dentro das escolas, principalmente com o crescimento expoente do ensino integral no Brasil.

A Lei nº 13.415/2017 alterou a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) ampliando o tempo mínimo de permanência dos estudantes na escola de 2.400 horas para 3.000 horas durante os três anos de ensino médio. Segundo dados do INEP (BRASIL, 2023), no último censo escolar em 2023, o número de estudantes do ensino médio matriculados no ensino integral bateu a marca de 20,4%, apresentando tempo de permanência na escola ou em atividades escolares igual ou superior a 35 horas semanais. Isso quer dizer que os jovens entre 15 e 17 anos estão passando cada vez mais tempo na escola ou em atividades escolares. Contudo, essa mesma faixa etária é a que menos desfruta de aulas e atividades lúdicas na educação básica. Focado em um ensino majoritariamente conteudista e para pré-vestibular, os estudantes podem chegar a passar uma média de 7 horas diárias na escola.

O problema é que o tipo de ensino expositivo teórico dominante da maioria das escolas pode ser extremamente maçante e cansativo para os adolescentes, pois muitos veem mais os colegas de classe diariamente do que os integrantes da própria família. É claro que existem modos diversificados de gestões escolares em que prevalecem um ensino mais dinâmico e lúdico, com maior oferta de atividades extracurriculares, enquanto outras, mais conservadoras e bancárias, privilegiam a quantidade de conteúdo e notas escolares. A educação bancária conceituada por Paulo Freire pode ser definida da seguinte maneira:

(...) a abordagem pedagógica pela qual o educador é agente transmissor de informações e conhecimentos aos educandos. Para esta concepção, o único papel do educador é o de expor/impôr conhecimentos, não havendo espaço para discussão e reflexão, sua missão é meramente informativa. Por isto adota-se, analogicamente, o termo “bancária”. A ideia que se tem é de que aquele possui conhecimento irá “depositar”, transferir, pura e simplesmente, aquilo que conhece para aquele que nada sabe, o depositário do saber de outrem. (BRITO e VASCONCELOS, 2006, p.83).

É importante salientar que a busca por um ensino lúdico não é sinônimo da exclusão dos conteúdos teóricos, mas uma adequação quanto à forma de se ensinar que priorize atividades dinâmicas, jogos, brincadeiras, práticas em laboratório, debates, eventos culturais, gincanas, uso de materiais audiovisuais, entre outras diversas formas. Que valorizem e estimulem a autonomia, a criatividade e a imaginação dos discentes tanto quanto a apropriação dos conhecimentos adquiridos. Segundo Cavalcante, “(...) ao contrário do que muitos pensam, o jogo também é um grande estimulador de disciplina e foco.” (2017, p.13).

Contudo, ao adentrar uma sala de aula devemos levar em consideração a pluralidade que habita nela. Diferentes estudantes aprendem de diferentes formas. Quanto mais expandimos nosso repertório e nosso interesse pelo ensinar ludicamente, mais conseguimos alcançar de diferentes maneiras nossos alunos. Ser educador/a é uma constante tarefa de tentativa e erro, podemos aprender sobre maravilhosas metodologias, mas na prática, quem faz as metodologias são aqueles que se utilizam delas, ou seja, professores/as e alunos/as. Uma atividade pode funcionar perfeitamente bem em uma turma, e em outra, da mesma faixa etária, ser um completo desastre. Mesmo individualmente, o que vale para um, pode não valer para um outro. Sobre isso, a autora e teórica Bell Hooks confirma que: “(...) cada sala de aula é diferente, que as estratégias têm de ser constantemente modificadas, inventadas e reconceitualizadas para dar conta de cada nova experiência de ensino.” (HOOKS,2013, p.21).

E aqui precisamos lembrar Cipriano Luckesi (2014) para quem ludicidade e atividades consideradas lúdicas são coisas diversas. Para o autor, a experiência lúdica (=ludicidade) é um estado interno ao sujeito, e, por isso mesmo, o que é percebido e experimentado por alguém como lúdico – isto é, o que causa bem-estar e alegria – pode não ser por outro. Ainda que existam atividades consideradas lúdicas pela sociedade, assim compreendidas em uma dimensão objetiva coletiva, como no caso de jogos e brincadeiras, “o estado lúdico é um estado búdico” (LUCKESI, 2014, p. 19), ou seja, um estado de plenitude e a alegria interna.

Daí a necessidade quase circense do professor ter sempre uma “carta na manga” e saber usar seus recursos em uma espécie de malabarismo educacional, avaliando qual artifício se adapta melhor àquele momento, àquela turma e, com um pouco de atenção e acolhimento, até mesmo às particularidades individuais. Pode

parecer que um pré-requisito para lecionar é ser um pouco “adivinho”, porém veremos adiante que se trata muito mais de se ter uma escuta ativa. A educação é a arte do aqui e agora.

O verdadeiro reconhecimento e a valorização da importância da ludicidade, o bom entendimento e a boa prática do lúdico contribuirão para que o ensino escolar possa vir a ser divertido, no sentido de promover o bem-estar, ou pelo menos, não tão entediante. A escola deverá abandonar a ideia de ser um lugar passivo de aprendizado e se tornar uma escola engajada no desenvolvimento intelectual, social e cultural tanto de seus discentes como também do corpo docente e de toda equipe que compõem a comunidade escolar. A missão do ensino lúdico deverá ser o combate ao tédio que gravemente assola as nossas salas de aula brasileiras. Já é ultrapassada a hora de desmitificar os paradigmas que asseguram que somente se aprende pelo sacrifício, pelo sofrimento e pela abdicação dos prazeres.

Aprender não deve ser dolorido, pelo contrário deve ser amoroso. A diversão e a aprendizagem devem ser amigas, não rivais. Como disse o célebre educador Paulo Freire: “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 2004, p. 142)

CAPÍTULO III

4.1 Formas de abraçar um ensino lúdico na educação.

Contraditoriamente ao título, o objetivo desse capítulo não é o de estabelecer formas estritas de um ensino lúdico. É principalmente, buscar um entendimento dos elementos que o compõem. O que diferencia o ensino bancário (aquele que preza pela absorção passiva de conteúdos pelo aluno, obtidas hierarquicamente através da transmissão do conhecimento do professor) de um ensino lúdico e divertido?

Logo no início da minha licenciatura em Artes Cênicas, achava que ao decorrer do curso nos seriam ensinadas as melhores formas de dar aula, a maneira ideal de lecionar. Como num passo a passo, listando as ações que deveríamos executar: primeiro faça isso, em seguida faça aquilo, lide com tal aluno de tal forma. Não deve ser surpresa para os leitores que isso obviamente não aconteceu. Em vez disso, o que aprendi é que não existe uma fórmula correta para ensinar, muito menos um manual da aula perfeita.

Isso acontece porque as salas de aula possuem tantas variáveis que é impossível estabelecer uma metodologia que funcione igualmente bem em todas. Que ótimo seria se pudéssemos aplicar uma espécie de fórmula de *bhaskara*¹ da educação, pela qual obteríamos todas as respostas para as equações educacionais. Acontece que na educação estamos lidando com pessoas e não com números. É justamente o fator humano que torna o processo de ensino-aprendizado tão complexo e imprevisível. Nesse sentido, acredito que a filosofia *ubuntu*² dialoga de perto com a necessidade de acolhimento às diferenças individuais normalmente desconsideradas no ensino bancário. Segundo o doutor em filosofia pela UFRJ, Renato Noguera:

¹ Fórmula matemática usada para resolver equações de segundo grau.

² “Ubuntu consiste em duas palavras numa só. O prefixo *ubu-* e a raiz *ntu-*. Ubu invoca a ideia do ser, no geral. Este conceito ético enfatiza as alianças entre as pessoas e as relações entre estas. Trata-se de uma categoria epistêmica e ontológica fundamental do pensamento africano dos grupos que falam a língua Banto. Tal como o autor defende, *Ubu-*, como o mais amplo e generalizado ser- sendo, está profundamente marcado pela incerteza, por estar ancorado na busca da compreensão do cosmos numa luta constante pela harmonia.” (RAMOSE apud SANTOS e MENESES, 2010, p.175).

A hipótese ubuntu é de que a instabilidade da vida inviabiliza as soluções simplistas e gerais. Por essa razão, não devemos procurar uma alternativa universal; mas, reconhecer que a pluriversalidade – a coexistência de visões de mundo distintas e igualmente ‘válidas’- é uma possibilidade que retrata melhor a experiência da vida e os conflitos que enfrentamos no mundo (RAMOSE apud NOGUERA, 2018, p.630)

Ora, no convívio da sala de aula haverá certamente conflitos e divergências, diferenças e dificuldades a serem superados. A cosmovisão que sustenta a filosofia *ubuntu* aponta para uma ética que privilegia a solidariedade, a preocupação com o outro, com o fluxo da vida em constante vir a ser e com a compreensão de que ninguém tem respostas para todas as demandas e desafios humanos.

Isso quer dizer que o fator “vida” nos tira qualquer tipo de controle que possamos achar possuir, nos fazendo estar em constante renovação para lidar com a imprevisibilidade da vida e entender que, apesar das diferenças, é possível que se encontrem soluções para aquela comunidade, ou pelo menos, a existência de uma discordância harmoniosa. Portanto, na educação, não há espaço para resoluções simplistas e generalizadas, mas para o polidiálogo³, como nos ensina a filosofia *ubuntu*.

Muitos professores e professoras lidam frequentemente com a frustração da aula não sair conforme o planejado: alunos com sono e desinteressados, estudantes que conversam e preferem fazer qualquer outra coisa na sala de aula. Um conselho valioso, que recebi de uma professora na faculdade, é o de que quase nunca o desinteresse do estudante é uma questão pessoal com o professor. Às vezes ele está com sono porque passou a noite acordado com insônia, não consegue se concentrar porque terminou um namoro e está triste ou está acontecendo uma fofoca mais interessante para se prestar atenção.

É nesse sentido que o fator “vida” interfere no fazer pedagógico. Mas não nos desesperemos! Achando que tudo está perdido e aceitando o fardo de uma educação disfuncional. Em vez disso, a melhor maneira de lidar com essa imprevisibilidade humana é usá-la a nosso favor. Por que então não incluir essas “adversidades” que os estudantes trazem, ao invés de apenas rejeitá-las? Acerca dessa imprevisibilidade, a autora Daniele Silva declara:

³ O conceito de polidiálogo, poderá ser visto mais profundamente descrito no tópico 4.2 desse capítulo.

A sala de aula tem como herança uma concepção de educação voltada para formas de controle da ação e do tempo do aluno. Os processos guiados pela imaginação, muitas vezes, por força de sua imprevisibilidade, provocam mal estar no adulto e medo na escola, porque desnudam o desconhecido, ou melhor, rompem com o planejado, como esperado. (2012, p.42)

Nesse sentido, o mal-estar causado nos adultos pelos alunos, sejam eles crianças ou adolescentes, vem muitas vezes da falta de consciência dos mais velhos de que os jovens estudantes, pasmem, também possuem ideias e sentimentos próprios. Que são suficientemente poderosos para interferir no planejamento de uma sala de aula. Principalmente aqueles planejamentos que não levam em consideração a vontade e a autonomia dos estudantes, esses são de longe os mais frágeis.

Importante ressaltar que valorizar a interferência dos alunos não significa a obrigação do professor de aturar desrespeitos ou deixar a aula “ao léu”. Os professores devem, sim, exigir serem bem tratados, assim como devem respeitar seus estudantes como indivíduos independentemente de qualquer hierarquia escolar.

Acerca da hierarquia entre alunos e professores, a escritora e ativista estadunidense Bell Hooks, inspirada nas ideias de Paulo freire, propõe a sala de aula como um espaço de construção de conhecimento coletivo, na qual professor e aluno são igualmente importantes: “A visão constante da sala de aula como um espaço comunitário aumenta a probabilidade de haver um esforço coletivo para criar e manter uma comunidade de aprendizado” (2013, p.18).

Essa visão de igualdade entre professor/a e alunos/as contribui para que os estudantes possam participar mais ativamente na construção de seu próprio conhecimento. Quando se desmitifica a figura autoritária e punitiva do professor, abre-se espaço para o pensamento próprio e a criatividade dos alunos aflorarem, contribuindo com o conhecimento que é construído coletivamente por meio de uma comunidade de aprendizado dentro da sala de aula.

Ao propor uma atividade, o professor geralmente pressupõe uma resposta correta, que deverá ser reproduzida pelos alunos. Mas ao se deparar com os resultados, podem se obter outros tipos de respostas e reflexões não esperadas, e cabe ao professor avaliar se aquela resposta que foge do padrão é apropriada ou não.

Lembro de quando estava no ensino fundamental e nosso professor de matemática enfrentou um dilema com uma aluna. Ela havia obtido o resultado correto da questão na prova, porém não utilizou a fórmula que o professor esperava e sim um “macete” que aprendeu em casa para aquele determinado tipo de questão. O

professor, por sua vez, zerou a questão da aluna. Os dois passaram a aula debatendo, ela afirmando que o resultado estava correto. Ele afirmando que ela deveria ter usado a fórmula que foi explicada em aula. Como o enunciado da questão não especificava que era necessário a resolução por meio da fórmula “x”, o professor acabou considerando e atribuiu metade da nota à questão após o longo debate com a aluna. Depois desse caso, ele começou a escrever entre parênteses que era necessário o uso das fórmulas nas questões.

Quando estamos na posição de educadores, temos que estar abertos para esses possíveis “desvios de norma”, que muitas vezes nem imaginamos, e assumir a responsabilidade quando nosso comando abre margens para outras possíveis interpretações. Antes de descartá-las e rotulá-las como um “erro”, devemos nos perguntar se: 1) Essa resposta, mesmo não sendo a esperada, é válida? 2) Eu fui clara/o na minha proposta, ou existe a possibilidade de outras perspectivas?

O bom professor deve renunciar à ideia de ser o detentor do controle e da ordem de uma sala de aula, essa crença apenas gera frustração e o adoecimento tanto dos profissionais da educação como dos estudantes. Em vez disso, deve ser cultivada a ideia de comunidade, onde todos, sem exceção, contribuem para o processo da aula de uma maneira dinâmica e fluida, gerando mais interesse e contribuição.

A aversão e rebeldia dos estudantes à escola estão atreladas a diversos fatores. E um importante fator é a própria exclusão e desprezo da escola para com os alunos. Muitas vezes subjugados como inferiores, eles devem ser submissos à organização da escola. Escolas com esse tipo de pensamento costumam excluir estudantes das decisões pedagógicas e escolares, punindo qualquer tentativa de subversão com medidas repreensivas, seja através de advertências, suspensões, decréscimo de nota ou outras atitudes até mesmo humilhantes.

Um exemplo disso é o costume que muitas escolas de ensino infantil e creches tinham até pouco tempo atrás de vestir alunos que apresentavam um mau comportamento com um chapéu “da vergonha” como forma de humilhação. Ou até mesmo punições físicas, como era o caso do uso da palmatória. Mesmo que punições tão radicais não sejam mais permitidas hoje em dia, ainda assim a escola continua exercendo seu poder autoritário de maneiras mais brandas e veladas.

Uma medida punitiva, contemporânea à minha época, é o costume que algumas escolas possuem até hoje de separar os alunos por desempenho. Na turma “A” colocam-se os bons alunos, os inteligentes. Na turma “B”, os alunos medianos e na

turma “C”, os maus alunos, os problemáticos ou que possuem algum *déficit*, deficiência ou transtorno. Esse tipo de exclusão é praticada e aceita ainda hoje. Então, como não esperar revolta e rebeldia dos jovens, se o princípio de boa parte das escolas brasileiras é a violência?

O/a professor/a, ao enxergar-se não como o maestro da aula, mas como um mediador, aceitando as contribuições e as experiências de vida dos estudantes, favorecerá uma educação horizontal, onde estudantes e professores/as são protagonistas. Em concomitância com essa ideia, afirma Paulo Freire:

Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (1996, p.26)

Desconsiderar a experiência dos alunos é também inviabilizar a sua existência, como se o aluno estivesse presente apenas para admirar a soberania do professor e absorver suas categóricas palavras. Numa sala de aula, deve se levar em consideração os aspectos que abrangem tanto professores quanto alunos, suas trajetórias de vidas, opiniões e suas dúvidas. Em conformidade com essa concepção, o filósofo e pedagogo John Dewey reforça esse pensamento: “alunos e professores são detentores de experiências próprias e, ao ser confrontadas na sala de aula, permitem a ampliação do conhecimento de ambos” (GALIANI e MACHADO, 2004, p.129).

Relacionar as angústias, problemas, desejos e ambições das crianças e adolescentes com o conteúdo pode ser uma maneira de favorecer uma educação horizontal, tornando a sala de aula um espaço comunitário de conhecimento e, conseqüentemente, aumentando o engajamento dos alunos na aprendizagem. Portanto, usemos a ética *ubuntu* ao nosso favor, acolhendo as transformações e imprevisibilidades surgidas na sala de aula, enxergando o potencial criador e criativo que o coletivo pode nos proporcionar.

Muitas vezes, precisamos sair do planejado e adaptar a aula para as necessidades que aquele momento propõe, escutando os desejos dos alunos e procurando estratégias para inserir o conteúdo na realidade dos estudantes. Sempre de uma maneira lúdica e aberta. Trabalhar com o “aqui e agora”, com o fator *ubuntu*, não quer dizer que o planejamento é desnecessário, pelo contrário, planejamento é muito importante para nos orientar e organizar nossa prática pedagógica. Mas é

preciso ter em mente que o lecionar também exige um grau de improviso e inovação constantes. Assim, o fazer educacional se assemelha muito ao fazer teatral, como afirma Hooks:

Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma. (2013, p. 21)

Um aspecto muito importante da educação lúdica é a diversão, o prazer em aprender. Há muito preconceito atrelado à ideia da diversão em sala de aula, entendida como desordem, bagunça e desinteresse. A verdade é que, nós, seres humanos, somos movidos por aquilo que nos dá prazer. Todos gostam de se divertir, do conforto e do prazer.

Essas sensações lúdicas e prazerosas não precisam ser limitadas aos momentos de ócio e lazer, como prioridades secundárias nas nossas vidas. A procura por uma educação seriamente divertida é também uma revolução disruptiva contra o tédio e a monotonia da vida. Divertir-se lecionando ou divertir-se aprendendo é um ato anticapitalista, sistema esse que nos enxerga apenas como produção, descartáveis quando não mais funcionais. A autora Bell Hooks, valoriza o entusiasmo em sua pedagogia e declara:

O primeiro paradigma que moldou minha pedagogia foi a ideia de que a sala de aula deve ser um lugar de entusiasmo, nunca de tédio. E, caso o tédio prevalecesse, seriam necessárias estratégias pedagógicas que intervissem e alterassem a atmosfera, até mesmo a perturbassem. (2013, p.16)

Respondendo à pergunta feita no início desse capítulo, o que diferencia a educação bancária da educação lúdica? É que a educação lúdica busca a valorização do aluno como pessoa humana, respeitando sua individualidade e autonomia, favorecendo a reflexão e o pensamento crítico, igualando professor e aluno como sujeitos mútuos do aprendizado e, principalmente, trazendo o prazer e o divertimento como aspecto central do processo de ensino-aprendizagem, com o cuidado, é claro, de não se cair na armadilha de transformar a brincadeira e o jogo em uma competição em que há perdedores e vencedores, o que realimenta uma lógica da exploração humana, mas sim em uma atividade colaborativa em que todos experimentem o prazer de estarem inteiros e presentes.

Já a educação bancária corrobora e reforça um sistema que busca apenas por resultados sistemáticos e produtivistas, seguindo uma lógica de conteúdos preestabelecidos que ditam o que é o correto ensinar, esperando do aluno uma absorção passiva e submissa desses conteúdos, ignorando o aspecto humano e *ubuntu* da vida.

Entendemos até agora que dentro da sala de aula existe um certo grau de imprevisibilidade. Que assim como o ator no teatro improvisa com a plateia, o professor também utiliza do recurso da improvisação como forma de prender a atenção de seu próprio público: os estudantes. Mas contar somente com esse “jogo de cintura” não é o suficiente para uma boa didática. Podemos contar com alguns recursos que nos auxiliarão a dar uma aula mais efetiva e palpável para os estudantes.

O autor Vasco Pedro Moretto (2007) estabelece três ideias consideradas como as chaves do “ensino com sucesso”. Resumidamente, são elas: objetivos claros, análise de conteúdos quanto a sua relevância e a aprendizagem significativa. Os objetivos são importantes para escolher um método de ensino adequado e para que esse processo de ensino possa ser analisado de forma sistemática pelo professor. A análise de conteúdos é feita a partir da escolha dos objetivos, verifica-se quais são os conteúdos relevantes ou não para aquele contexto. E aprender significativamente é, para Moretto:

(...) dar sentido à linguagem que usamos, é estabelecer relações entre os vários elementos de um universo simbólico, é relacionar o conhecimento elaborado com os fatos do dia-a-dia, vividos pelo sujeito da aprendizagem ou por outros sujeitos. (2007, p.16-17)

Podemos considerar que a aprendizagem significativa é aquela que atribui sentido de maneira concreta ao cotidiano daquele que aprende. Por exemplo, um professor de física explica termodinâmica para seus alunos. Visando que os estudantes tenham uma aprendizagem significativa ele poderá explicar a termodinâmica a partir do funcionamento de um ar-condicionado, aproximando um tema de um objeto cotidiano. Um professor de história pode relatar como se deu o período da escravidão no Brasil. Mas para atribuir significado ao conteúdo, ele poderá contextualizar como esse período influencia atualmente o racismo contra a população negra brasileira, aproximando assim o conteúdo da realidade dos estudantes.

Ter objetivos claros ao lecionar é uma das etapas mais importantes para se afastar a sensação de confusão. Estabelecer o que se pretende alcançar é como uma

âncora, ou um norte pelo qual nos guiamos. Cada professor possui um jeito de organizar suas aulas, uns com planejamentos complexos e cheios de pormenores, outros com planejamentos simples e sucintos que cabem em um parágrafo. O mais importante é concentrar o ensino nessas três ideias fundamentais que Moretto estabelece (objetivos, análise e aprendizagem significativa). Sendo o objetivo a base que precederá às outras duas. A metodologia, os conteúdos e recursos pedagógicos podem mudar conforme o processo. Ao longo das aulas, o professor pode e deve sempre procurar entender se a forma de lecionar estabelecida inicialmente está caminhando para atingir os objetivos pré-estabelecidos. Isso é a análise. Seja ela de conteúdos, atividades, avaliações ou qualquer etapa pedagógica.

A aprendizagem significativa, por sua vez, não necessariamente é um resultado do processo ou a última etapa do ensino. Ela acontece concomitantemente às outras, a cada dia, a cada aula. Acontece tanto pela maneira como a aula decorre, como as associações feitas pelo professor anteriormente citadas, as atividades e pensamentos propostos, quanto pelo conhecimento, conexões, reflexões e curiosidades que o aluno produz.

Dar aula não é somente “dar aula”, depositar um conhecimento no ambiente. Explico. Quando desnudamos o trabalho do professor, podemos perceber muito mais camadas do que somente chegar em sala, ensinar sobre um assunto e ir para a próxima turma. O professor desempenha incontáveis tarefas de sua profissão, seu trabalho não acaba quando sai do trabalho como em muitas outras áreas. O professor engajado está sempre tentando inovar seus métodos de lecionar, se atualiza sobre o que seus alunos consomem, faz seus planos e os refaz à medida que vai descobrindo novas informações sobre o contexto de seus alunos. Está em constante mudança, procurando manter sua escuta bem ativa, isso é, os professores que se importam com sua profissão.

Isso sem falar sobre burocracias, trabalhos extras levados para casa, problemas com coordenação, problemas com pais de estudantes e outras centenas de minudências que são invisíveis (para os outros). Não é à toa que muitos professores se sentem desvalorizados e desmotivados no dia a dia. Um trabalho tão exigente e que sofre constantes ataques a sua categoria: cortes de verba pública, salários baixos ou atrasados, ambiente de trabalho precário, falta de apoio pedagógico, sobrecarga de trabalho e outros diversos fatores que contribuem para o adoecimento dos professores.

Por esse e outros motivos o viés capitalista é incompatível com a profissão dos educadores. A educação na sua essência, como formação crítica, social, cultural e intelectual, jamais será permitida dentro de um sistema que visa lucro, que transforma escolas em empresas e anseia por trabalhadores capacitados e ao mesmo tempo submissos. A educação verdadeiramente emancipadora não será possível enquanto não houver uma profunda transformação social e política. Ser professor/a e estar engajado com a educação é em si um ato de resistência. A educação deve estimular a capacitação dos estudantes, para que eles possam exercer sua humanidade e intelectualidade, para além de serem apenas funcionários úteis e lucrativos para o mercado de trabalho.

Embora o cenário ideal da educação lúdica esteja longe de ser uma realidade, ela vem a passos lentos ganhando cada dia mais espaço dentro das escolas. Cada profissional e cada estudante que entende e reivindica a presença de uma educação lúdica, crítica e política nas escolas, colabora um pouco com a melhoria do cenário educacional.

A educação básica é um direito fundamental, uma conquista valiosíssima, proporcionada por um Estado Democrático de Direito. É muito mais do que o direito à aquisição de conhecimento por todos, é o principal objeto de transformação social, um meio de se construir uma sociedade igualitária e de se reduzir as desigualdades sociais. Esse pensamento é corroborado por Augusto Cury, quando afirma que:

A função social da educação assume a igualdade como pressuposto fundamental do direito à educação, sobretudo nas sociedades politicamente democráticas e socialmente desejosas de maior igualdade entre as classes sociais e entre os indivíduos que as compõem e as expressam. (CURY, 2008, p.302)

Por isso, trabalhar com educação e participar dela é tão importante e vital para a sociedade. E ao mesmo tempo exige muita força e resiliência, pois é uma área constantemente atacada por aqueles a quem interessa que a sociedade permaneça desigual. O aprender lúdico é mais do que um simples afastamento do tédio. É também uma forma de transformação social.

4.2 A presença do Lúdico na Natureza: o que a Terra tem a nos ensinar.

Durante o processo de escrita desse trabalho, senti que estava deixando de lado algo muito importante. Era uma sensação parecida com aquela de quando saímos de casa e durante o caminho nos vem o questionamento: “será que eu tranquei a porta?” Ou então “eu esqueci alguma coisa no fogo?”. Na maioria das vezes, a sua porta está trancada e o fogo apagado. Mas, se por um acaso, essa dúvida se torna suficientemente irritante dentro da sua cabeça, a ponto de te fazer retomar todo o caminho só para verificar, você pode evitar um grande desastre.

Foi quando me dei conta, quase cometi um estrago enorme. Na ânsia de apresentar a ludicidade como a protagonista dessa escrita, já estava me esquecendo daquela que veio antes dela. A sua ancestral, sua mãe: a Natureza. Sim, com letra maiúscula mesmo. Aqui considerarei a Natureza como um organismo vivo, racional e dotado de consciência. Como diz Ailton Krenak, autor e ativista do movimento socioambiental e da defesa dos direitos indígenas: “Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza” (KRENAK, 2020, p.83).

Existe, na sabedoria popular, o respeito ao conhecimento e à trajetória de vida dos mais velhos. Portanto, não existe maneira melhor no mundo de se aprender qualquer coisa do que escutando aquela que veio antes de todos nós, a Natureza. A partir do momento em que nascemos, a Natureza já começa a nos ensinar. Aprendemos que o estômago da gente dói quando tem fome, que a água da chuva é fria, que o colo da mãe é quente e que barulhos altos podem indicar perigo.

Para fins de contextualização, contarei uma história pessoal. No início desse ano, entrou um novo membro na nossa família: uma cachorrinha – estou ciente que o termo elegante é cadela, mas a gramática pode ser um pouco chata às vezes. Diante da minha preocupação com o bem-estar da filhote, andei pesquisando muito, lendo *blogs* de adestradores, vendo vídeos de veterinários etc. Há uma recomendação veterinária de que não se deve levar o filhote para passear antes do término do ciclo vacinal, para que o cachorro não se contamine com nenhuma doença letal. Entretanto, muitos profissionais orientam que se passeie com o filhote no colo, durante alguns minutos, somente para o cachorro “olhar o mundo”, isto é, sentir cheiros e escutar sons

que o ambiente doméstico não proporciona, com a finalidade de evitar que o filhote cresça medroso, arisco ou antissocial, características que podem ser desenvolvidas devido ao confinamento doméstico. Nas palavras do médico veterinário pela UFMG e especialista em comportamento canino, Max Macedo:

A questão é, se eu não saio, o meu cão vai ficar prejudicado. Porque uma das fases mais importantes da vida do filhote, entre os 55 dias mais ou menos até os 90 dias de idade. Nessa idade é muito importante que ele tenha contato com ambientes diferentes, com pessoas diferentes, com estaturas de pessoas diferentes, com sons diferentes. E se eu não dou oportunidade do cão vivenciar esse tipo de coisa nessa idade, com certeza alguma lacuna vai ficar no desenvolvimento mental do meu cãozinho. “Reprodução do trecho do vídeo do YouTube” (MACEDO, Max Macedo, 2016, 2:47 a 3:18)

Acontece que nós, seres humanos, não somos assim tão diferentes dos cachorros ou de outros animais. O contato com a natureza e o ambiente externo é de importância fundamental, principalmente na infância. Uma criança privada de Natureza pode se tornar um adulto doente, tanto fisicamente como cognitivamente, ou pior ainda, ludicamente.

Segundo Richard Louv, autor e jornalista norte-americano:

Com base em estudos anteriores, podemos afirmar que o melhor indicador da prática de atividades físicas por crianças em idade pré-escolar é simplesmente estar ao ar livre – diz Sallis – e que infâncias sedentárias, passadas em espaços fechados, estão ligadas a problemas de saúde mental. (LOUV, 2016, p.54)

Sim, passar tempo ao ar livre pode ser uma ótima atividade física e criativa para as crianças, podendo ser inclusive mais benéfica que muitos esportes. A maioria de nós tem a lembrança de passar horas e horas brincando em espaços abertos: pique-esconde, pique-pega, polícia e ladrão, mãe da rua, batata quente, cabra-cega, gato mia, entre tantas outras e outros tantos “piques”. Apesar das brincadeiras tradicionais serem resistentes à travessia dos anos, as crianças parecem perder cada vez mais o hábito de estar fora de casa, em contato com outras crianças.

Por que isso está acontecendo? A resposta para essa pergunta não é uma resposta única. Louv (2016) aponta em sua obra diversos fatores que podem contribuir para o que ele chama de “criminalização do brincar na natureza”. Entre eles: a ideia de ordem e higienização dos espaços externos ou urbanos; atrativos tecnológicos

superestimulantes como TV, *internet* e *videogames*; regras cada vez mais rígidas contra o comportamento natural das crianças (brincar, explorar, ser curioso e fazer sujeira) e esforços para a proteção da natureza.

Gostaria de salientar que este último tópico, não se refere a luta contra a devastação exploratória das grandes corporações, mas sim a uma ideia higienista de que a Natureza deve ser intocável: proibido pisar na grama, proibido catar pedrinhas, proibido construir casas na árvore, proibido fazer castelinhos de areia e “Deus me livre deixar a sua criança solta no mato! Vai que ela arranca uma florzinha?” Seguindo essa lógica, Louv afirma:

Incontáveis comunidades têm praticamente banido o brincar não estruturado ao ar livre, muitas vezes por causa de ameaças de processos, mas também por causa de uma obsessão cada vez maior com a ordem. Muitos pais e filhos agora acreditam que brincar fora de casa é ilícito, mesmo quando não é. (2016, p. 50)

Por último, um motivo não tão óbvio assim: brincar na Natureza ou em espaços urbanos públicos é gratuito, ou seja, não gera lucro, portanto, não gera interesse de investimentos nesses lugares, sendo preferível se investir em *shoppings* e em espaços privados, fechados e livres da sujeira e dos gritos das crianças. É por esse mesmo motivo que estudos relacionados ao brincar na Natureza e seus benefícios dificilmente são financiados, pois não são rentáveis:

Um dos grandes benefícios da recreação ao ar livre não estruturada é que ela não custa nada, Sallis explicou. – Como é gratuita, não há um interesse econômico envolvido. Quem vai querer subsidiar a pesquisa? Se crianças estão lá fora andando de bicicleta ou caminhando, não gastam combustível fóssil, não são o público-alvo de nenhuma empresa, não dão dinheiro para ninguém. (2016, p.54-55)

Louv (2016) descreve o que ele nomeia como “transtorno do *déficit* de natureza”. Um termo não médico e não científico, mas que pode ser usado para se referir a um conjunto de sintomas ligados à falta de exposição, tanto das crianças como dos adultos, ao ambiente natural. Em sua obra, Louv cita inúmeros estudos que correlacionam a falta de tempo ao ar livre a sintomas como: obesidade, hiperatividade, depressão, desatenção, atraso no desenvolvimento motor, social e cognitivo. Também chama a atenção para o fenômeno de crianças cada vez menos criativas. Incapazes

de criar histórias e cenários por conta própria, as crianças se tornaram reféns de programas televisivos, vídeos curtos de *internet* e brinquedos prontos e figurativos.

Segundo informações divulgadas pelo Ministério da Saúde:

De acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção - ABDA, o número de casos de TDAH variam entre 5% e 8% a nível mundial. Estima-se que 70% das crianças com o transtorno apresentam outra comorbidade e pelo menos 10% apresentam três ou mais comorbidades. (BRASIL, Ministério da Saúde, 2022)

Cada vez mais o número de diagnósticos de TDA⁴ e TDAH⁵ aumenta. Essa porcentagem mundial (5% a 8%) representa números muito altos e há suposições que o aumento exponencial de diagnósticos possa estar correlacionado ao rápido desenvolvimento urbano e tecnológico. Para Louv:

– Nosso cérebro está programado para uma existência agrária, voltada para a natureza, que entrou em foco 5 mil anos atrás – diz Michael Gurian, terapeuta familiar e autor dos best-sellers *The Good Son* e *The Wonder of Boys*. – Neurologicamente, os seres humanos não alcançaram o ambiente superestimulante de hoje. O cérebro é forte e flexível, então de 70 a 80% das crianças se adaptam bem. O restante, não. Colocar as crianças na natureza pode fazer a diferença. Sabemos disso empiricamente, ainda que não possamos provar. (2016, p.123)

O intuito desse trabalho não é propor que a urbanização e a lógica capitalista sejam os únicos causadores desses transtornos, mas atentar para a possibilidade de que esses fatores possam agravar esses sintomas. Afinal, um modelo de sociedade que exige a todos igualmente uma hiper produtividade, só pode acentuar cada vez mais nossas diferenças e desigualdades.

O contato com a Natureza pode ser um forte aliado e ajudar a reduzir e aliviar os sintomas de TDA, como demonstra Louv:

⁴ Transtorno de Déficit de Atenção.

⁵ Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

Como foi relatado na publicação *Environment and Behavior*, “comparadas com brincadeiras em áreas externas pavimentadas ou áreas internas, atividades em ambientes naturais e verdes tinham muito mais probabilidade de desenvolver o foco e a atenção de crianças com TDA (transtorno do déficit de atenção). Atividades que ocorriam internamente ou em áreas externas desprovidas de natureza tinham mais chances de agravar o quadro das crianças com TDA”⁶ (2016, p.126)

Não há dúvidas que a devastação predatória da Natureza não prejudica somente o ecossistema, as plantinhas e os passarinhos. Estamos destruindo a nós mesmos. Ora, também fazemos parte desse ecossistema. Entretanto, as corporações e os grandes capitalistas parecem ignorar esse fato, buscando o lucro acima de qualquer bem-estar social. Um sistema que bota à prova a vida humana em troca de dinheiro. Dinheiro este provido de fontes naturais e esgotáveis.

Nosso modo de vida afeta todos os seres vivos e não vivos, e isso se demonstra cada vez mais perceptível nas crianças, como afirma Krenak:

O modo de vida ocidental formatou o mundo como uma mercadoria e replica isso de maneira tão naturalizada que uma criança que cresce dentro dessa lógica vive isso como se fosse uma experiência total. (2020, p.101).

Daí surge a necessidade do termo “transtorno do *déficit* de natureza” e a importância de se lutar e de se reivindicar a preservação e a expansão do ambiente natural como questão de sobrevivência. Estamos ficando alienados, burros, doentes, incapazes de enxergar qualquer prazer na vida. Encarcerados em empregos na escala 6x1⁷, vivendo em cidades violentas, cercados de prédios e automóveis, cada vez mais doentes e solitários.

A promessa de avanço tecnológico e urbano como remédio para essas mazelas nada mais é do que uma grande contradição. De nada adianta ter acesso a caríssimos terapeutas e psiquiatras se todo o tempo hábil é disponibilizado para o trabalho e para a produção. Não há tempo para se fazer amigos, andar no parque, ter um cachorro ou participar de um almoço em família. Não estou dizendo que o tratamento terapêutico é inútil, mas sim que somente ele não proporciona a qualidade de vida que de precisamos para desfrutar de uma existência equilibrada, lúdica e feliz.

⁶ TAYLOR, Andrea Faber, KUO, Frances E. e SULLIVAN, William C. “Coping with ADD: The Surprising Connection to Green Play Settings”. *Environment and Behavior* 33, n.1 (Janeiro de 2001): pp.54-77.

⁷ A escala 6x1 define que o trabalhador tenha 1 dia de descanso a cada 6 dias de trabalho.

Em vez da busca incessante e predatória pelo “progresso”, por que não buscamos a preservação, a manutenção e o bem-estar do ambiente? Uma convivência harmônica com a Natureza: cada ser com seu espaço, seu tempo e sua importância no cosmos. Precisamos de ócio, de descanso e de prazer. Essa lógica maníaca de produção desenfreada e a incansável busca pela utilidade, só adoece a humanidade. Mas a questão é: como atingir uma convivência harmoniosa? Para começar a buscar a resposta dessa pergunta, gostaria primeiro de apresentar um pouco da filosofia Teko Porã, de origem Guarani:

(...) teko porã propõe um contexto de convivência entre animais e meio ambiente, as coisas da natureza não existem para exploração; mas, para uso conforme necessidades. A dimensão cultural ressalta a pluralidade. Em seu último aspecto ficam ressaltadas questões que visem aumento do nível de vida em critérios ecológicos. (...) teko porã rivaliza com a noção ocidental de que a espécie humana é a mais preparada para conhecer e dominar a ‘natureza’ (NOGUERA, 2018, p.633)

Em suma, Teko Porã aspira ao convívio entre os seres e o ambiente de forma não destrutiva, valorizando seu aspecto plural, “Teko porã é um sistema filosófico que ensina: nunca trate seres vivos como se fossem coisas.” (NOGUERA,2018, p. 633). Para os indivíduos adultos, essa ideia pode parecer muito utópica e “cor-de-rosa” (os adultos podem ser muito ingênuos), por isso a importância de colocar as crianças como protagonistas, ou melhor, a infância como protagonista nessa busca.

O pesquisador e professor da UFRRJ, Renato Noguera, nos convida a entender a infância a partir de uma ética afroperspectivista⁸:

A infância entendida como estado de criança indica o seguinte: um mundo melhor só é possível formado por crianças. Porque ser criança significa ser uma pessoa investida da capacidade de estar aprendendo. (...) as pessoas investidas de infância são capazes de recusar o desejo de dominação e exploração. Isso não faz da infância, é pureza ou ausência de ambivalências. Mas, assumir a interdependência em relação aos outros seres. Infância é aceitar que precisamos de cuidado contínuo de outros, recusa da empáfia advinda da crença de que somos capazes de controlar a vida. Infância é assumir que existir é marcado pelo imponderável. (2018, p.640)

⁸ “(...) afroperspectividade significa criar conceitos africanos e indígenas para enriquecer o enfrentamento de problemas que corriqueiramente são pensados por meio das ideias ocidentais” (NOGUERA,2018, p.628)

A infância deixa de se resumir a uma faixa-etária para se tornar um estado de ser. Um estado aguçado nas crianças, mas também presente nos adultos. Esse é o pensamento que situa o conceito de “infancialização”, termo cunhado por Noguera, e explicado por Telma Braga, pesquisadora, professora e autora de livros para a infância (e a mulher que me deu a vida, minha mãe):

Noguera (2018) desenvolve ainda um outro conceito, a infancialização, ou seja, a infância enquanto experiência, conceito filosófico e princípio ético: ativar a criança dentro de nós em qualquer idade. Não se trata de voltar a ser criança literalmente, mas sim da capacidade de acolher o caráter efêmero e imponderável do mundo e, por isso mesmo, estar aberto a novas maneiras de se relacionar com e nesse mundo. (BRAGA, 2023, p.18)

Entendemos assim o estado de ser criança como um referencial para transformarmos nossa maneira de habitar o mundo. Portanto, é mais do que necessário esforços para infancializar os adultos e preservar o estado infancializado das crianças. E a maneira mais eficiente de se conservar o pensamento e o estado de infancialização nas crianças é justamente o contato com a natureza e a experiência lúdica.

Manter as crianças confinadas dentro de casa, expostas somente a mídias e atividades que não as infancializem, colabora para a criação de adultos submissos à lógica exploratória e devastadora de se relacionar com o meio ambiente.

De acordo com Louv:

Claramente, a ruptura entre a infância e a natureza faz parte de um contexto mais amplo: a restrição física da infância em um mundo que está se urbanizando rápido e a experiência na natureza como a maior vítima. (LOUV,2016, p.57)

Buscar a aproximação da infância, se infancializar, é um meio de se enxergar como um ser em pé de igualdade com todos os outros seres, sejam eles vivos ou não vivos, racionais ou irracionais. Rompendo com a lógica antropocêntrica de que os seres humanos são superiores a qualquer outra espécie, e por isso se sentem os donos da Terra.

Dessa maneira, também é importante valorizar a visão das crianças, rompendo com a ideia de que crianças são seres humanos incompletos. Crianças são seres

humanos completos a partir do momento em que nascem. Podemos notar essa visão presente na cultura do povo originário Guarani: “No contexto guarani, há o reconhecimento da autonomia da criança, que deve ser respeitada. A criança é vista como um ser de fato, portador de um espírito que precisa ser cativado para ficar na terra.” (NOGUERA,2018, p.632).

Esse anseio por uma convivência infancionalizada, plural, natural e harmônica na Terra passa por todos os contextos e, portanto, pela educação. Não podemos pensar em educação, principalmente no ensino básico, sem pensar em infancionalização. A escola infancionalizada deve valorizar o contato com a Natureza, a autonomia das crianças e adolescentes, o ensino lúdico e a inclusão dos estudantes no contexto político-pedagógico escolar.

No Brasil, merecem destaque os projetos e iniciativas que buscam um olhar atento à infância e à valorização da cultura infantil. É o caso do “Território do Brincar”, projeto que busca registrar e acolher a espontaneidade do brincar infantil, dando destaque a brincadeiras não estruturadas, isso é, brincadeiras sem brinquedos prontos ou com brinquedos pouco prontos que estimulem o faz de conta e o universo criativo da criança:

O Território do Brincar, trouxe essa questão dos brinquedos não estruturados, das propostas não estruturadas. Nós percebemos que eles trazem é... uma reflexão maior, a criança cria muito mais, ela brinca muito mais, imagina diversas situações que é... em outras situações ela não ia experimentar. “Trecho citado do documentário” (Carolina Ortiz, Território do Brincar – Diálogos com Escolas, 2015, David Reeks e Renata Meirelles, 8:06)

O uso de materiais não estruturados abre espaço para a imaginação da criança fluir. Além de desenvolver habilidades nas crianças que muitas vezes os brinquedos prontos não proporcionam. É o lúdico entrando em cena. Fabricar seus próprios brinquedos, suas próprias brincadeiras, desenvolve, por exemplo, a coordenação motora fina, técnicas de habilidade manual, independência, autonomia, negociação em grupo, valorização dos materiais, sentimento de realização, criatividade, entre outras habilidades psicomotoras e sociais:

Se eu pego tronquinhos, tem que sair alguma coisa de dentro de mim pra aquele tronquinho virar alguma coisa. Ele é pouco pronto, então ele exige da criança uma atividade interna pra brincar. Qualquer coisa que a natureza oferece pro ser humano, ela tem sugestões de coisas ali né... “Trecho citado do documentário” (Sandra Eckschmidt, Território do Brincar – Diálogos com Escolas, 2015, David Reeks e Renata Meirelles, 8:31)

Figura 1- Brinquedo não estruturado feito com gravetos



Fonte: Página do Instagram, Gravetos Animados⁹

O projeto “Território do Brincar” valoriza também a observação do brincar espontâneo da criança. Interferindo menos e observando mais, afastando a ânsia do educador de sempre querer conduzir as atividades a todo instante. Observando pode se aprender muito com as crianças, sobre o universo imaginário que elas criam, a interação com os outros, o uso de habilidades e ferramentas na brincadeira, o significado que elas atribuem aos objetos e a sua forma de se relacionar com o ambiente e com a natureza:

O educador é treinado, ele é treinado nas formações de faculdade de pedagogia. Assim... sempre intervir. No fundo, no fundo é isso que a gente tá fazendo gente! Território do Brincar tá mostrando pra gente: se recolha, se recolha. “Trecho citado do documentário” (Sandra Eckschmidt, Território do Brincar – Diálogos com Escolas, 2015, David Reeks e Renata Meirelles, 23:02)

A observação, para os adultos, pode ser um trabalho árduo. Justamente porque somos condicionados a interferir no comportamento das crianças a partir da nossa

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C8j3nWIOCPi/>. Acesso em: 01/07/2024.

moralidade, aquilo que achamos certo ou errado. E esquecemos que as crianças precisam experienciar por si próprias, descobrir o mundo através dos sentidos.

É importantíssimo que a criança tenha liberdade de exercer a sua curiosidade e explorar o mundo. Isso não quer dizer que você possa deixar uma criança sem supervisão ou se despreocupar com ambientes perigosos, mas reprogramar seu olhar, de forma que se abstenha o máximo de julgamentos pré-concebidos, afinal, crianças se sujam, se machucam e fazem “besteira”, é natural da infância. O adulto pode aprender muito observando as crianças brincarem. E deve buscar preservar essas características infancilizadoras como a curiosidade, a abertura a novas possibilidades, a criação criativa e diálogo aberto com os seres vivos e não vivos. A cultura Guarani já possuía esse entendimento muito antes de nós:

‘os adultos são muito atentos ao comportamento de cada criança, e esse comportamento não é questionado, mas aceito. Por isso, vê-se pouca repressão às crianças, mas um acompanhamento constante, sem julgamento moral’. Essa perspectiva de não criar determinadas expectativas no modo de agir das crianças marca a fluência das relações com os adultos. (NOGUERA apud BERGAMASCHI, 2018, p.634)

Existem escolas que buscam aproximar a arte, a cultura e a natureza do ensino escolar, como a Oca Escola Cultural. Localizada na aldeia de Carapicuíba, em São Paulo, um dos municípios mais pobres do Estado. A Oca funciona no contraturno escolar e promove atividades artísticas, esportivas, musicais e literárias. A escola conta com diversos projetos que visam à expansão de suas atividades e possui até um grupo mirim de contadores de história. A escola já foi premiada diversas vezes por suas iniciativas culturais e está sempre promovendo eventos, exposições e oficinas abertas ao público paulista. A Oca escola cultural é como eles mesmos definem:

Pautada numa metodologia de trabalho que vê o aluno de forma integral, suas ações acontecem em diálogo com a escola, a família e a comunidade através de um repertório gestual, plástico, musical e literário da cultura brasileira e da cultura da infância, com o objetivo de garantir às crianças, adolescentes e jovens o direito ao desenvolvimento integral através da arte como prática que legitime a consciência de si, do outro e da comunidade, valorizando a riqueza cultural desse lugar habitado predominantemente por migrantes. (OCA ESCOLA CULTURAL, 2022)

Figura 2 - Biblioteca Maria Helena Mardegan Scabelo – A Oca dos Livros.



Fonte: Página da web, jornal cotia Agora¹⁰

Podemos citar ainda a escola Casa Redonda, também localizada no município de Carapicuíba. A escola conta com um extenso espaço verde e valoriza a observação das brincadeiras infantis e o ensino integrado com a natureza, promove ainda cursos de formação para educadores, palestras, grupo de estudos e cursos de extensão:

Contamos na Casa Redonda com uma equipe multidisciplinar, que traz em seus saberes a Música, as Artes Cênicas, os fazeres manuais, as Artes Plásticas, a Cultura Tradicional Brasileira e a Cultura da Infância. Conduzidas e conduzidos pelas experiências junto com as Crianças a desenvolver um olhar sensível, que esteja aberto à receptividade ao ponto de transformar as relações entre adultas, adultos e Crianças, comungando em uma aprendizagem mútua em um espaço de Educação unificado, onde todas e todos crescem e aprendem mediadas e mediados pelo mundo que nos circunda. A observação é o nosso diário de bordo para as reflexões sobre nossas propostas e práticas diárias, junto com nossas bagagens teóricas, amadurecendo a nossa ação educativa e tornando nossa equipe consciente e comprometida com o papel de ser uma pessoa educadora. (CASA REDONDA, 2024)

¹⁰ Disponível em: <https://jornalcotiaagora.com.br/oca-escola-cultural-e-contemplada-no-editalproac/>. Acesso em: 03/07/2024.

Figura 3 - Escola A Casa Redonda

Fonte: Página da web, A Casa Redonda. ¹¹

Há outros vários projetos e instituições que visam a um ensino infancializado, lúdico e harmônico entre infância e natureza. Buscando formas de educação que centralizem a criança e o adolescente como desbravadores de seu próprio aprendizado, enxergando os estudantes como pessoas inteiras e completas, valorizando a arte e a cultura como elementos indispensáveis para o ensino e desenvolvimento humano.

Mesmo assim, a visão de ensino tradicional e bancário ainda é dominante na maioria das escolas do Brasil, por isso a importância de apoiar e financiar projetos e escolas como O Território do Brincar, Oca Escola Cultural e a Casa Redonda. Pois são justamente instituições como essas que resistem e lutam pelo resgate do ensino lúdico no Brasil, aproximando as crianças da infância, do brincar e da natureza. Portanto, nem tudo está perdido. A educação lúdica não é nenhum termo novo inventado por mim, ela existe há muito tempo e reside nesses espaços como contraponto a uma educação alienante e impositiva, uma educação que perpetua a noção predatória e destrutiva da Natureza, em prol de um falso progresso da “humanidade”. Como enuncia Ailton Krenak:

¹¹ Disponível em: <https://acasaredonda.com.br/>. Acesso em: 03/07/2024.

Acho gravíssimo as escolas continuarem ensinando a reproduzir esse sistema desigual e injusto. O que chamam de educação é, na verdade, uma ofensa à liberdade de pensamento, é tomar um ser humano que acabou de chegar aqui, chapá-lo de ideias e soltá-lo para destruir o mundo. Para mim isso não é educação, mas uma fábrica de loucura que as pessoas insistem em manter. (2020, p. 101 e 102)

Não nos deixemos desmotivar pelo modelo de sociedade em que vivemos. É preciso resistir, buscando sempre se infanciar como modo de habitar o mundo. A escola lúdica não depende somente de crianças infanciarizadas é preciso de adultos que estejam cheios de infância também, para desse modo, transformar o ensino de forma positiva e integrada com a natureza. Para além dos muros da escola, essa ideia de uma ética da infanciarização, proveniente de uma cosmovisão afroperspectivista, que é pautada nas filosofias *ubuntu* e Teko Porã, deve ser nosso guia de como conviver no mundo, respeitando os seres animados ou inanimados e estando abertos à instabilidade da vida e ao polidiálogo, que se define como:

O polidiálogo é o reconhecimento de que existem pontos de vistas que são incompatíveis. Porém, precisamos enfrentar justamente esses pontos sem buscar consenso ou um equilíbrio final. Em termos ramoseanos, o que caracteriza o ser – entendido como a natureza de tudo que existe, incluindo humanos – é a instabilidade.” (NOGUERA,2018, p.630)

Nunca, na história, houve um consenso de opiniões e de posicionamentos. Se somos diferentes, pensamos de maneiras diferentes. O que a filosofia *ubuntu* propõe é que essas diferenças possam coexistir. Que as crianças nos inspirem e que não sejamos submissos a um sistema de exploração idealizado por adultos.

Durante essa escrita, recordei uma música de que gosto muito, porém nunca havia ido atrás de seu significado, apesar de já intuir o que ela queria dizer. Deixo aqui, ao final desse capítulo a sua letra, com a tradução¹²:

¹² Traduzido por: Carolina de Oliveira Braga.

COMO UNA FLOR

Me agarré del pie de un dios y se cerró mi corazón

(Me agarrei ao pé de um deus e se fechou meu coração)

Fui de saco al trabajo y se cerró mi corazón

(Fui de terno ao trabalho e se fechou meu coração)

Me cambié a una casa pero ahí no quepo yo

(Me mudei para uma casa, mas ali não me coube)

No caben mis zapatos ni la luna ni el sol

(Não me cabem os sapatos, nem a lua, nem o sol)

Me amarré una corbata y se cerró mi corazón

(Me amarei uma gravata e se fechou meu coração)

Me tapaba todo el pecho escondiendo un dolor

(Tapava todo meu peito escondendo uma dor)

Me arranqué todas las ropas y entonces desnudo

(Arranquei todas as minhas roupas e, então, despido)

Tomé en mis manos mi corazón y se abrió como una flor

(Tomei em minhas mãos meu coração e ele se abriu como uma flor)

Y se abrió como una flor

(E se abriu como uma flor)

Somos humanos ou máquinas?

Animais ou máquinas?

Somos humanos ou máquinas?

Não me enferruja a chuvaiaia

Uma flor rasgou a rua

Desafiando a inércia cinza do ódio

Uma flor minha e sua

Florescendo trouxe vida à rua

Soy mi propia luz

(Sou minha própria luz)

Toma en tus manos tu corazón

(Pegue em suas mãos teu coração)

Y se vá abrir como una flor

(E ele se abrirá como uma flor)

Y se vá abrir como una flor

(E ele se abrirá como uma flor)

(FRANCISCO EL HOMBRE, 2016)

CAPÍTULO IV

5.1 Ludicidade na prática: minha experiência na Escola Parque 314 Sul.

No início do primeiro semestre deste ano, precisei fazer a minha última disciplina de estágio obrigatório. Entre as minhas opções, escolhi fazer a disciplina de estágio em ensino fundamental. Confesso que não estava muito animada, pois toda a parte burocrática de enviar documentos, mandar e-mails, correr atrás de professores e escolas pode ser muito chata.

No dia anterior ao meu primeiro dia de estágio, tentei imaginar como seriam as aulas, a escola, como chegar até lá de metrô e como seria recepcionada pela professora. Quando chegou o dia e pisei na escola pela primeira vez, tomei um susto. Você sempre espera que um local cheio de crianças entre os seis e os dez anos de idade seja caótico. E a minha experiência não foi diferente. O que mais me surpreendeu quando cheguei à escola foi o quanto as crianças são habilidosas em correr e gritar sem parar, tudo isso antes das oito horas da manhã. Não digo isso como uma crítica às crianças, pelo contrário, muito me admira a capacidade pulmonar e projeção vocal delas, seria muito difícil para mim ter esse nível de energia de manhã cedo.

A potência caótica das crianças era administrada por uma mulher, que segurava um microfone, e a sua função era a de “pastorar” as crianças, dizendo frases como: “fulaninho senta!” e “cicrano para de correr, volta para o seu lugar!” sempre de modo bem assertivo. As crianças eram organizadas por grupos, cada grupo tinha um número, correspondente a crianças da mesma série e faixa etária. No chão, faixas azuis formavam fileiras, como número de cada grupo em amarelo. As crianças precisavam sentar-se em fila indiana.

A maioria das crianças estava sentada, como pedia a mulher com o microfone. Mas a todo instante algumas se levantavam, outras corriam e voltavam para o lugar, conversavam aos berros e brincavam mesmo sentadas umas com as outras. A mulher chamava o número do grupo e o nome da professora responsável para que cada turma

entrasse na sala de maneira organizada. A minha turma era o grupo 11, da professora Luciana.

Naquele primeiro dia, pensei muito sobre o que estava escrevendo, sobre a imprevisibilidade no processo de ensino-aprendizagem. E isso é tão atenuado em escolas de ensino infantil e fundamental que é impossível não perceber. A escola tem um sistema de organização bem definido e planejado, na entrada sentam-se em fileiras, na hora do lanche vão todas para o refeitório, cada turma em uma ordem. No almoço a mesma coisa, porém comem nas salas em vez do refeitório. Apesar dos esforços para a organização das turmas, se vê o tempo todo crianças correndo pelos corredores. Se uma criança já é difícil de controlar, imagine centenas!

Durante meu processo, notei que a professora era muito animada e alto astral com as crianças, porém ficava muito frustrada nos momentos em que precisava organizá-las em filas, para o recreio, para o almoço ou para escovar os dentes. Isso é um regulamento da escola, todas as turmas e professores precisam seguir e respeitar os horários e a organização definida pela instituição.

Fica evidente para mim que as crianças são as melhores em romper com a falsa noção de controle dos adultos. Não julgo a escola, sei que lidar com crianças é difícil e exige muita responsabilidade, e essa foi a maneira que eles encontraram de se organizar. Entretanto, é evidente que por mais que sejam feitos esforços para controlar as crianças, elas frequentemente têm atitudes disruptivas contra esse controle. E não fazem por mal, acredito eu (vai saber...), só estão sendo crianças. Não têm a mesma ideia de “convivência civilizada” que os adultos possuem, ou acham possuir.

Por isso, é preciso aceitar o fato que você como adulto uma hora ou outra vai querer ou vai precisar “controlar” seus estudantes, como é exigido nas instituições escolares. E vai se frustrar. Pode ser que você seja muito bom nisso, mas dificilmente vai manter a paz e a ordem reinando o tempo todo. Portanto, volto a repetir, a maneira menos frustrante de se estar em um ambiente escolar e pedagógico é abdicando da ideia de que você, adulto, possui o controle total e é superior àqueles pequenos seres humanos.

Volto no pensamento de sempre tentar incluir os estudantes como membros ativos e participantes da aula, tentando construir aquilo que chamamos de educação horizontal, onde professor e estudantes são igualmente importantes e atuantes na

construção do conhecimento. O intuito é que através disso se possa tentar obter mais fluidez e dinamismo em sala de aula. Chamo atenção para o uso da palavra “tentar” pois lecionar e exercer a profissão de educador é um longo processo de tentativa e erro.

Como infelizmente não existe um manual rápido e fácil para dar aulas perfeitas, você terá que descobrir a melhor maneira de lecionar tentando, errando, tentando, acertando, errando de novo, acertando outra vez e tentando novamente. Exatamente por isso nossa profissão de educadores precisa ser valorizada, pois não é um trabalho de fórmulas pré-estabelecidas e resultados previsíveis. Estamos lidando com a inconstância humana e a sua sensibilidade.

Meu intuito não é que você tenha uma visão negativa da educação, muito menos quero te botar medo. Aliás, muitos professores dizem que a profissão fica mais fácil com o passar do tempo, justamente através dos aprendizados que você obtém a partir da prática. O que quero dizer é que ser professor é muito mais sobre estar aberto a aprender do que a ensinar. O professor infancializado aceita que não sabe de tudo, e olha com curiosidade para o mundo e para os seus alunos. “O que será que eles têm a me ensinar?”

Quando expandimos o olhar e entendemos que os estudantes também são seres providos de repertórios próprios e criativos, deixamos fluir as suas interferências, flexibilizando, conforme as necessidades, o planejamento da aula. É claro que quanto mais rígida for a instituição de ensino, quanto mais pressão você recebe para cobrar conteúdos e mostrar resultados, mais difícil é de se realizar um processo de ensino aprendizagem lúdico e horizontal.

É muito comum que professores se frustrem com as instituições em que estão atuando, escolas que podam o professor e limitam a sua autonomia, exigindo que o profissional se adapte a um modelo sistematizado e inflexível de educação. Isso é mais perceptível no nível médio, em que as instituições, especialmente as particulares, estão desesperadamente tentando vender números de “bons resultados” e aprovações em universidades de renome. Não há tempo para atividades práticas, sociais, lúdicas ou recreativas. Todo tempo escolar deve ser preenchido com simulados, provas, tarefas e novos conteúdos. Quer passar algo artístico? Somente se for conteúdo do

PAS (Programa de Avaliação Seriada) ou do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), do contrário, perda de tempo.

Dentro das milhares de limitações que os educadores enfrentam no dia-a-dia devemos procurar atuar nas “pequenas brechas no sistema”, como um professor meu dizia. Por exemplo, se é tão exigido que passemos as obras dos vestibulares, façamos isso de maneira que proporcione o diálogo e a reflexão. Com atividades lúdicas como a leitura dramática do texto ou a montagem de cenas. Faça o que estiver a seu alcance com as ferramentas disponíveis.

Gostaria muito de levantar a bandeira da revolta contra as instituições ultrapassadas, mas, infelizmente, a maioria de nós não se pode dar a esse luxo, arriscando perder o seu sustento. O que podemos fazer, dentro da realidade de cada um, é atuar nessas pequenas brechas, buscando o alívio de um ensino mais lúdico e humanizado. E não se dando por satisfeitos com esses sistemas de ensino retrógrados.

Encerrado esse meu breve discurso, vamos voltar ao foco desse capítulo.

Durante meu processo de estágio, observei algo que me agradou muito. A escola proporciona, dentro das possibilidades dela, variados tipos de atividades lúdicas. As crianças possuem aulas de teatro, dança, música, educação física e até oficinas de circo com direito a perna-de-pau. Uma realidade muito diferente do que tive na infância, e que com certeza gostaria de ter vivenciado.

Importante ressaltar que as Escolas Parque são escolas de contraturno escolar, e talvez por isso, consigam priorizar uma forma de ensino mais lúdica e infancionalizada. A maioria delas está localizada no Plano Piloto, mas também existem Escolas Parque em outras regiões administrativas do DF, como Ceilândia, Brazlândia e Núcleo Bandeirante.

Num primeiro momento pode se pensar que todo esse acesso a materiais como perna-de-pau, bambolê e bolinhas para malabarismo é devido a escola estar localizada na região do Plano Piloto, região “nobre” do DF. Porém, durante uma conversa com educadores e profissionais da escola, eles comentaram que a maioria desses materiais foi proporcionado por iniciativa dos professores. E muitos deles financiaram com o próprio dinheiro a compra desses materiais. Inclusive a confecção das bolinhas foi feitas por duas professoras.

Figura 4 - Criança com perna-de-pau.



Fonte: Acervo pessoal.

Eles também me contaram que boa parte da renda da escola é proporcionada pela festa junina que a escola promove no meio do ano. E que o dinheiro disponibilizado pelo governo é direcionado para necessidades específicas e bastante restrito, como pequenos concertos e a compra de objetos para a escola. E que se não fosse pela renda que eles obtêm por meio de eventos escolares, jamais seria possível a compra de recursos lúdicos como a perna-de-pau.

Muitos professores e educadores têm feito, por conta própria, um grande esforço para proporcionar aos estudantes o acesso a materiais lúdicos e pedagógicos e para colaborar com a manutenção da escola, que muitas vezes carece de recursos básicos. Seja promovendo eventos ou tirando dinheiro do próprio bolso.

Isso demonstra o desafio da educação pública, que se encontra cada vez mais sucateada e desvalorizada. O contraditório é que mesmo com tantos desafios e

escassez de recursos, muitas escolas públicas parecem se importar mais em promover um ensino lúdico do que escolas particulares cheias de dinheiro. Daí a importância de se lutar pela manutenção do ensino público brasileiro. Pois as escolas públicas de fato se enxergam como escolas, enquanto as particulares, em sua maioria, se enxergam como empresas.

Como esse estágio era de regência, estava previsto que eu tivesse a experiência de dar aula ou passar alguma atividade para as crianças. Combinei com a professora o dia e planejei a aula que iria fazer. Como a prática e a teoria são coisas diferentes, logo percebi que alguns exercícios que havia planejado não sairiam como eu esperava. Uma parte dos estudantes ficou animada quando a professora disse que aquele dia quem daria aula seria eu. Outra parte ficou indignada, pois isso significava que eles não poderiam andar de perna-de-pau, atividade que eles vinham fazendo todos os dias.

A maioria das brincadeiras começava bem, mas logo o caos se instaurava. Na maioria das vezes, uma briga começava por motivos que nem elas próprias conseguiam explicar. Percebi que alguns meninos claramente não queriam estar ali. Mas a professora havia pedido que todos participassem da aula. Quando mudei a brincadeira, instruí que quem não quisesse participar poderia ficar na plateia. Assim, com as crianças que estavam engajadas, a brincadeira fluiu melhor. Ocasionalmente pedia ajuda da plateia para dar opinião na cena, na tentativa de que eles se animassem a participar.

Foi quando percebi que não estava funcionando e tive que abdicar totalmente do meu planejamento. Pensei nas brincadeiras que mais gostava quando criança. Notei que a sala tinha diversas cadeiras, mas elas quase nunca eram usadas, as crianças preferiam se sentar no chão. Tive a ideia então de dar alguma utilidade para aquelas cadeiras e lembrei da brincadeira “dança das cadeiras”.

Para minha surpresa houve uma adesão geral, todas as crianças, inclusive as que estavam na plateia, quiseram participar. Pedi emprestado a caixa de som para professora e a brincadeira se estendeu até o término da aula.

Sai da aula com uma sensação estranha, questionando-me se estou realmente habilitada a ser professora. Fiquei triste, frustrada, parece que as coisas não deram muito certo. Foi quando percebi que estava vivendo na prática o que eu escrevo nesse

TCC. A frustração, a necessidade de ser flexível, o inesperado, e todas os acontecimentos que habitam a sala de aula. No fim, a aula passou longe de ser um desastre. Mas a minha frustração impediu que eu enxergasse isso.

Tive a sensação de que se essa fosse a minha rotina diária poderia acabar me habituando. Não é uma tarefa fácil, mas estar com aquelas crianças me trazia uma felicidade. Elas são muito carinhosas e gostam de você com facilidade. Quando eu chegava na escola, elas se levantavam correndo de suas fileiras e vinham me abraçar, desobedecendo a mulher com o microfone.

O que eu mais admiro nas crianças é a sua curiosidade, nunca tinha sido bombardeada com tantas perguntas. Elas não têm o mesmo receio que os adultos têm de perguntar. Nem consideram isso falta de educação.

Como eu sou uma mulher lésbica que diverge um pouco da expressão de gênero feminina, já esperava que elas tivessem algum tipo de estranhamento quanto a isso. Principalmente porque eu estava de cabelo raspado na época. Separei algumas das perguntas mais curiosas que elas me fizeram, entre elas:

Tia, por que você é careca?

Tia, o que aconteceu com o seu cabelo? Você tem câncer?

Tia, por que você tem tanto pelo embaixo do sôvaco?

Tia, por que você tá vestida assim? você usa as roupas do seu pai?

Tia, você namora?

Tia, se você fosse um animal, qual seria?

Tia, você pode maquiar a gente?

Tia, quais as suas três cores preferidas?

Tia, quantos piercings você tem?

Tia, você pode trazer a sua namorada aqui na escola?

Tia, você quer namorar com a minha tia? Ela se chama Fulana.

Tia, você pode ir no passeio da escola com a gente?

Tia, qual é a sua estação do ano preferida?

Várias vezes durante meu estágio, ouvi a expressão “tia”, seguido de algum questionamento. Uma vez cheguei de manhã cedinho e a primeira coisa que um garoto me pergunta é “Tia, qual é o antônimo de par?”. Eu já tinha até me esquecido que a palavra “antônimo” existia.

Todas as vezes, tentei responder as perguntas da forma mais sincera e completa que eu podia, até as perguntas mais subjetivas. As crianças estão cheias de vontade de descobrir o mundo e ideias mirabolantes para compartilhar. Que possamos aprender com elas a sermos mais curiosos e estarmos sempre abertos a aprender e a descobrir o novo. Que mesmo crescendo, não deixemos de ser crianças, sempre mantendo a infância viva dentro de nós. Como diz Nogueira: “Quando eu crescer, quero ser infância, a mesma (infância) que fui no futuro, assim como serei criança no passado.” (2018, p.642)

Figura 5 - Meninas criando número de circo.



Fonte: Acervo pessoal.

CONCLUSÃO

A educação lúdica como resistência ao ensino bancário só se faz possível por meio de crianças e adultos infancializados, dotados do olhar criativo e curioso da infância. Buscando estabelecer através do diálogo entre ludicidade e natureza novas formas de se entender a educação no Brasil.

Um dos aspectos chaves da educação lúdica é a escuta ativa das crianças e dos adolescentes, para que sejam os principais colaboradores de seu próprio aprendizado e, em comunhão com a natureza, experimentem uma convivência harmônica entre todos os seres vivos e não vivos.

Destaca-se também que uma educação lúdica abre espaço para diversas ideias e opiniões diferentes, que podem ser conflitantes, mas que coexistem em harmonia. Estabelecendo assim o polidiálogo, de maneira a respeitar a existência de cada ser no mundo.

A educação lúdica ainda visa desestigmatizar a falácia de que educação e diversão são definições antagônicas. Isso é, a ideia de que educação e diversão não podem coexistir, pois a educação é séria e a diversão banal. Esses elementos tanto podem como devem coexistir. A educação está aí para ser uma coisa prazerosa e não um martírio.

Tanto o ócio como o lazer podem ser excelentes fontes criativas, como afirma o antropólogo Victor Turner: “O lazer é potencialmente capaz de liberar os poderes criativos, sejam eles individuais ou coletivos, tanto para criticar quanto para apoiar os valores sociais estruturais dominantes.” (2015, p. 49)

Um pensamento infancializado é um pensamento que está disposto a aprender e a escutar. Nessa linha, proponho que os educadores infancializados estejam abertos a admitir que não sabem de tudo e, portanto, devem estar abertos a aprender com seus estudantes, outros educadores e até mesmo outras pessoas e seres que não tenham qualquer tipo de relação com a educação escolar.

O educador deve estar preparado para iminente frustração que um ambiente rigidamente institucionalizado pode proporcionar, cerceando a autonomia criativa da sua atuação. Pode ser ainda que essa frustração não seja necessariamente proveniente das instituições de ensino, mas sim devida à própria ideia pré-concebida de que os adultos devam exercer controle absoluto sobre os mais novos.

Nesse pensamento de que um ser humano infancializado deve estar sempre aprendendo, o educador deve estar ciente de que durante seu processo de aprender a sua própria pedagogia e o seu próprio lecionar, haverá muitos erros e acertos pelo caminho. Que isso não seja motivo para se desmotivar com a profissão, mas sim o combustível necessário para se alimentar o furor criativo e a ânsia por uma profunda transformação educacional.

Assim, que possamos enxergar a boniteza da educação básica e pública, mesmo com todos os seus defeitos e suas limitações. E não deixemos de acreditar nunca que através de micro revoluções em sala de aula podemos, como uma comunidade educacional, afetar positivamente a vida de inúmeros jovens e estudantes. Para que eles cresçam se enxergando como seres humanos repletos de vida e desejos próprios, e não como uma fonte substituível de produção e trabalho.

Que possamos, através de uma educação lúdica, almejar o bem-estar de todos os seres e a sua harmonia, como dizia Paulo Freire: “Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia.” (1997, p.5)

BIBLIOGRAFIA

BRAGA, Telma Almeida de Oliveira. **Ensaio sobre morte e infância**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação Latu Sensu), Faculdade Faconnect – Polo A Casa Tombada. Orientação: Giuliano Tierno e Letícia Liesenfeld Erdtmann. São Paulo, p.34, 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2023**.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Entre 5% e 8% da população mundial apresenta Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade**, Fran Martins, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/entre-5-e-8-da-populacao-mundial-apresenta-transtorno-de-deficit-de-atencao-com-hiperatividade>. Acesso em: 30/06/24.

CASA REDONDA, **A Escola**. 2024. Disponível em: <https://acasaredonda.com.br/paginas/escola-casa-redonda>. Acesso em: 03/07/2024.

CAVALCANTE, Izabelle Neiva. **Por uma sala de aula brincante: A brincadeira e o despertar do universo teatral na criança**. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) – Departamento de Artes Cênicas, Instituto de Artes, Universidade de Brasília. Orientação: Luís Carlos Ribeiro dos Santos. Brasília, 2017.

CURY, Carlos Alberto Jamil. **A Educação Básica como Direito**. Cadernos de Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, v. 38, n. 134, p. 293-303, maio/ago. 2008.

FRANCISCO EL HOMBRE. **Como una Flor**. In: STRASSACAPA, Juliana; PIRACÉSUGARTE, Mateo; PIRACÉS-UGARTE, Sebastián; KOZYREFF, Andrei; GOMES, Rafael. *Soltasbruxa*. São Paulo: Estúdio Navegantes, 2016. Web, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ESxudlxE8Ho>. Acesso em; 30/06/2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A, 1997.

GALIANI, Claudemir; MACHADO Maria Cristina Gomes. **As propostas educacionais de John Dewey para uma sociedade democrática**. Revista Educação em Questão, Natal, v.21, n.7, p. 116-135, set/dez, 2004.

- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade** / bell hooks ; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo. Perspectiva, 2012.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil** / Ailton Krenak; pesquisa e organização Rita Carelli. – 1ªed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza** / Richard Louv: [tradução Alyne Azuma, Claudia Belhassof]. 1.ed. – São Paulo: Aquariana, 2016.
- LUCKESI, Cipriano. **Ludicidade e Formação de Educador**. Revista Entreideias, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/9168>. Acesso em: 10/07/2024.
- MACEDO, Max Macedo. **Devo passear com o meu filhote antes da vacinação estar completa?** Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gdO3MQXP6F0>. Acesso em: 29/06/2024.
- MORETTO, Vasco Pedro, 1942 – **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**/ Vasco Pedro Moretto. – 7.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- NOGUERA, Renato e BARRETO, Marcos. **Infância, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas**. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro. vol.14, n.31, set-dez, p.625-644. 2018.
- OCA ESCOLA CULTURAL, **Conheça a Oca!** 2022. disponível em: <https://www.ocaescolacultural.org.br/quem-somos>. Acesso em: 03/07/2024
- SANTOS, B.S; MENESES, M.P [orgs.]. **Epistemologias do Sul**. – São Paulo: Cortez, 2010.
- SILVA, Daniele Nunes Henrique. **Imaginação, criança e escola** / Daniele Nunes Henrique Silva. – São Paulo: Summus, 2012. – (Coleção imaginar e criar na educação infantil).
- TERRITÓRIO do brincar – **diálogos com escolas**. David Reeks e Renata Meirelles. Brasil: Maria Farinha Filmes e Ludus Vídeo, 2015. 1 vídeo (25 min), disponível em: <https://territoriodobrincar.com.br/videos/documentario-territorio-do-brincardialogoscom-escolas/>. Acesso em: 16/06/24.

TURNER, Victor W. (Victor Witter), 1920-1983. **Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar** | Victor. Turner; tradução Michele Markowitz e Juliana Romeiro; revisão técnica Antônio Holzrner Oswald Cruz - Rio de Janeiro: Editora UFRJ: 2015.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho. **Conceitos de Educação em Paulo Freire: glossário** / Maria Lúcia Marcondes Carvalho Vasconcelos, Regina Helena Pires de Brito. – Petrópolis, RJ: Vozes: São Paulo, SP: Mack Pesquisa – Fundo Mackenzie de Pesquisa, 2006.